

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciência Sociais  
Departamento de Antropologia

## **Crianças no Acampamento:**

Etnografia da Educação Pela Paz proposta pelo programa de Convivência  
Internacional de Crianças e Jovens

Autora: Vanessa Jansen dos Santos Moura  
Orientadora: Antonádia Monteiro Borges  
**Monografia de Conclusão do Curso de Antropologia**  
Brasília, julho de 2014.

**Vanessa Jansen dos Santos Moura**

**Crianças no Acampamento:**

Etnografia da Educação Pela Paz proposta em pelo programa de Convivência  
Internacional de Crianças e Jovens

Monografia apresentada ao Departamento de  
Antropologia, do Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade de Brasília para obtenção de título  
de Bacharel.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Antonádia Monteiro Borges

Examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza

Brasília  
**JULHO DE 2014**

Esse trabalho é dedicado a minha mãe, Mary Jansen, que realiza comigo mais uma das etapas de minha vida. E a memória eterna da presença de meu pai. Até sempre, Zé Gomes!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a todas as oportunidades que foram dadas em toda a trajetória de minha vida para a realização dos meus mais profundos sonhos. Agradeço de coração feliz e realizado pelas as facilidades e dificuldades que me foram entregues a viver e realizar mais esse objetivo. O sentido que direciono minha vida e acolho aos que estão ao meu redor dado pela alegria de crer em sua existência onde quer que eu vá.

Agradeço a minha mãe Mary por toda a luta e alegria que uma mãe solteira vivenciou na criação de suas duas filhas. Essa felicidade é nossa e com certeza eu não chegaria até aqui sem você e a sua dedicação. A minha irmã Jéssica também sou grata por me compreender em momentos difíceis como irmã mais velha e tudo e toda a essa responsabilidade a ela destinada. Ao meu pai, José Gomes, por todo o aprendizado, pelos os momentos presentes. A ausência de sua vida e alegria em terra não muda o quanto se mantém vivo, feliz e eterno em meu coração. Aos meus irmãos por parte de paterna, Dennis Web e Tatiane Nunes, que me dão todo acolhimento de família e que me proporcionaram viver as experiências de infância mais felizes do mundo, sendo tia de Dayanne, Débora, Nathália, Davi e Bernardo. Agradeço essa “Cara de Família”.

Agradeço a minha melhor metade, o meu amado e eterno esposo Agostinho. Eu não conseguiria sem sua forma de conduzir-me dentre os dias leves e os dias de aprendizado. Dias que só o sentido do que é amar consegue explicar as atitudes. Obrigada por todos esses 470 dias e, por todos os outros que nos esperam de dedicação a nós com toda a sua expressão de carinho, amizade e amor real.

Agradeço a minha madrinha Myrtes e a minha vó Marta por todo cuidado, preocupação e motivação em me ver bem. A Tiana e toda sua alegria que me entusiasma e me inspira. Obrigada pela torcida de vocês. Aprendi e vou continuar aprendendo muito e sempre em suas felizes presenças.

Agradeço imensamente ao CISV e a oportunidade de viver alguma de suas experiências as quais me deram base para conseguir a realização desse trabalho e a vivência com pessoas inesquecíveis. Agradeço-as primeiramente pelo sentido da amizade, como também por todas as formas que me auxiliaram vivenciar um espaço de conhecimento como esse. Agradeço, portanto, a Thay Cavalcante, Nathália Mundim, Renata Lopes, Dora Facchina, Talita Mendes, Vanda Magda, Maristela Vendramini, Elsa Veronica, Flora Gurgel, Lucia Bertolacci, Pedro Motta, Gustavo Marinho, Cínthia Vianna e a todas as crianças que

pude delegar como líder. Tenho saudades e as guardo nas minhas memórias mais felizes e na minha torcida por dias incríveis.

Agradeço por toda generosidade de quem pode me repassar materiais, fotos, bibliografias, trabalhos e aprendizados. De forma especial e carinhosa a todos as gestantes. Aprendi a amar mais a antropologia com vocês. Agradeço Gustavo Belissário pela troca de um pouco mais de conhecimento sobre infância e antropologia desde a construção até sua concreta monografia que ao ler me inspirou. Agradeço à Antonádia Borges por todas as contribuições criativas e relevantes. Agradeço por me orientar não somente nesse pequeno espaço em que desenvolvo um estudo sobre crianças, como também no espaço de vida acadêmica que pude contar com a contribuição de seus conhecimentos, tanto de antropologia como de vida.

Agradeço com toda alegria as minhas melhores: Ana, Andreza, Joyce e Jaqueline. Obrigada por todos os momentos de alegria e de aprendizados sempre juntas. E aos seus respectivos esposos (e aspirante) que tanto as fazem felizes e que me concederam ser tia adotiva de Mariana, Ramon e a princesa que está sendo gestada por Ana. Obrigada por me conceber tão estimada felicidade em ter amigos tão inseparáveis nessa vida.

Agradeço, desde já, ao sim entusiasmado de Regina Pedroza a participação de minha banca.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I – C.I.S.V – CHILDREN INTERNATIONAL SUMMER VILLAGE SUA HISTÓRIA .....</b>	<b>13</b>
1.1 DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO APÓS PROPOSTA DA UNESCO EM 1946 .....	13
1.2 A HISTÓRIA .....	18
1.3 FORMAS DE MANUTENÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO CISV E EM SEUS PROGRAMAS .....	18
1.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ONG .....	19
1.5 CONFERÊNCIAS .....	20
1.6 PAÍSES MEMBROS E ASSOCIADOS .....	21
<b>CAPÍTULO II – PROGRAMA E PROJETOS “CISVIANOS”: UMA ABORDAGEM GERAL DE SUAS PROPOSTAS .....</b>	<b>23</b>
2.1 VILLAGE.....	24
2.2 INTERCHANGE.....	26
2.3 SEMINAR CAMP .....	27
2.4 STEP UP (ANTIGO SUMMER CAMP) .....	28
2.5 YOUTH MEETING .....	28
2.6 MOSAIC .....	29
2.7 INTERNATIONAL PEOPLE’S PROJECT (IPP) .....	30
2.8 JUNIOR BRANCH .....	31
<b>CAPÍTULO III - VILLAGE: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DOS 10 AOS 12 ANOS .....</b>	<b>33</b>
3.1 OS PRIMEIROS CONTATOS .....	33
3.2 O VILLAGE.....	35
3.3 O ACAMPAMENTO E SEUS MÓDULOS .....	37
<b>3.3.1 Indo a um Village Nacional .....</b>	<b>37</b>
<b>3.3.2 Indo a um Village Internacional .....</b>	<b>38</b>
3.4 PROPOSTAS E OBJETIVOS DO PROGRAMA .....	38
3.5 PARTICIPANTES DE UM VILLAGE .....	41

3.6 ATIVIDADES QUE DESENVOLVEM AS ETAPAS DOS OBJETIVOS DO VILLAGE.....	44
<b>CAPÍTULO IV – FORMANDO E SELECIONANDO LÍDERES.....</b>	<b>60</b>
4.1 DESENVOLVENDO UM JOVEM PARTICIPANTE DO CISV ATRAVÉS DE MÓDULOS DE TREINAMENTO .....	60
4.2 O PRIMEIRO MÓDULO, O PRIMEIRO PASSO .....	61
4.3 A IMPORTÂNCIA DOS DEMAIS MÓDULOS SEGUINTEs .....	67
4.4 A VIVÊNCIA DA SELEÇÃO E DO TREINAMENTO NACIONAL .....	73
<b>CAPÍTULO V – CRIANÇAS NO ACAMPAMENTO .....</b>	<b>76</b>
5.1 VILLAGE INTERNACIONAL EM PORTUGAL – JULHO DE 2012.....	84
5.2 VILLAGE INTERNACIONAL EM BRASÍLIA – SER STAFF - JULHO DE 2013 .....	91
5.3 VILLAGE NACIONAL EM VITÓRIA – JANEIRO DE 2014 .....	91
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>98</b>
<b>CADERNO DE ARQUIVOS E FOTOS.....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de minha entrada na Universidade de Brasília, em épocas de ensino médio, obtive minhas primeiras experiências diárias com o que venho expor nesta presente monografia: crianças. Participei mais ativamente da vida de algumas delas, como elas da minha desde meus 16 anos. Esse contato se deu primeiramente dentro da sala de aula de um curso de inglês na cidade satélite onde eu morava – Taguatinga – trabalhando com uma ou duas crianças em turma de aulas particulares de reforço e posteriormente com mais de três turmas do curso regular oferecido.

No espaço da Universidade, algumas disciplinas que cursei da antropologia debateram sobre infância, aprendizado, contexto escolar, educação, e eu comecei a vivenciar esse paralelo do que era debatido na antropologia e dos fatos diários vivenciados com meus alunos.

O norte que eu dava aos trabalhos das diversas disciplinas cursadas era sobre criança e isso ficou mais fortalecido quando iniciei meus primeiros contatos com uma organização que promovia um espaço de convívio entre crianças e jovens em uma espécie de acampamento internacional que acontece todos anos em diversos países em que esta organização tem uma sede.

Essa organização não governamental é conhecida como C.I.S.V, cuja as siglas significam em inglês *Children International Summer Village*<sup>1</sup> que abordarei em mais detalhes históricos no primeiro capítulo desta monografia. Ligada a UNESCO, se descreve como um organismo sem fins lucrativos, internacional, voluntária e apolítica. Desenvolve uma proposta conhecida como “Educação Para a Paz” começando pela infância, objetivo que norteou a fundadora da ONG Doutora Doris Twitchell Allen, em 1946, desenvolver o projeto da organização.

A então UNESCO, na final da Segunda Guerra Mundial, estava propondo aos estudantes de pós graduação em diferentes disciplinas nas universidades dos países associados a ela o desenvolvimento de organizações no mundo inteiro que versassem pela paz. Doris Allen era especialista em crescimento e desenvolvimento da criança e fez uma proposta a UNESCO por uma organização educacional para a paz através do que ela acreditava como

---

<sup>1</sup> Este é o nome da organização em todos os países que há sua sede. No Brasil, ela é conhecida como Convivência Internacional de Jovens.



fonte principal a longo prazo: um projeto voltado ao trabalho às crianças e jovens desenvolvendo uma ONG para devido fim.

Em 1951, Doris Allen executou a ideia do que seriam os projetos da organização que estava criando. Montou um acampamento na cidade de Cincinnati, Estados Unidos, que continham filhos de amigas dela de oito países diferentes, para que essas crianças vivenciassem nesse convívio umas com as outras suas semelhanças e diferenças de linguagem e de tradição que muito poderia contribuir com o entendimento de como eram, como pensavam, como se comportavam, como foram educados até aquela idade e, ao mesmo tempo de toda essa percepção, o compartilhamento de coisas de criança: a formação das amizades, as brincadeiras e as expressões de pensamentos.

A esse acampamento foi dado o nome de Village. Ele é o programa pioneiro da organização que deu base a todos os outros programas e projetos que acontecem na ONG até hoje: convívio entre semelhanças e diferenças buscando promover ações e reflexões da pessoa humana e da diferença cultural para que assim possa ser gerado contato, conhecimento, amizade, afeto, respeito às diferenças, responsabilidade e resolução de conflitos de maneira pacífica. Descrevo de forma sucinta todos os outros programas de outras faixas etárias de participantes no segundo capítulo desta monografia para um entendimento geral dos trabalhos da ONG em si. Mas é para as experiências vivenciadas com crianças participantes do Village internacional e regional que dialogo com o aprendizado antropológico recebido até aqui.

Esses programas e projetos foram desenvolvidos em diversos países que talvez não houvesse nenhuma noção do significado da palavra “paz” no contato com diferentes civilizações. Era um estado alarmante e final de guerra em que pessoas se uniram em prol de pensar entre nações o que poderia ressignificar “paz” após o estado de devastação que a segunda guerra mundial trouxe.

O CISV e o seu pequeno número de participantes remonta espaços de acampamento de convívio não somente entre crianças, jovens e adultos de diferentes países, como também relacionando estas no convívio de diferentes regiões dos países participantes. Isso faz com que esses grupos façam viagens para acampamentos regionais com a oportunidade de ter contato com semelhanças e diferenças culturais estaduais durante alguns dias.

Projetos são desenvolvidos antes e depois desse tempo de acampamento para aprofundar experiências e a continuidade do que de lá foi aprendido, tendo a oportunidade de

repassar individualmente ou com o grupo o que foi experimentado aos participantes do mesmo lugar de origem. Geralmente, também se abrem a mobilizar a ONG local como todo para repensar suas ações e programas a serem desenvolvidos no intuito de interferir positivamente o próprio meio social da região participante.

Na escolha do Village, pude entender a proposta da organização e vivenciar momentos com as crianças participantes. Porém, muito mais que descobrir suas ações frente à educação que era proposta a elas, busquei compreender um pouco melhor a chamada educação para a paz e a correspondência que essas crianças faziam com isso nesse programa dedicado a elas no terceiro capítulo da monografia. Correlaciono esse espaço com um pouco da literatura antropológica da Infância.

O Village acontece como um acampamento de férias para crianças de 10 a 12 anos tanto no módulo internacional como nacional (regional). O Village Internacional acontece em uma determinada cidade de um país hospedeiro e vai receber em um espaço de chácara, escola, fazenda um grupo de 4 crianças e um adulto, de 10 a 12 diferentes países que formam esse acampamento e que vão conviver ao longo de 28 dias. Cada dia desse acampamento é repleto de atividades lúdicas que trazem a criança, nesse quase um mês, o espaço de se conhecerem, de ter contato com idiomas, de fazerem amizade, de desenvolverem um conhecimento próprio frente às diversidades de culturas distantes das delas, suas tradições, músicas e as diferentes formas de ser criança que cada um carrega. Essas atividades são desenvolvidas para que as crianças entendam as experiências vividas que giram em torno de objetivos da ONU e da UNESCO por uma educação para paz em seus países membros.

O Village de módulo nacional tem o mesmo objetivo, só que com o contato entre crianças de diferentes regiões do mesmo país. 10 a 12 regiões se unem em um acampamento que uma cidade hospeda. Porém, eles vivenciam um acampamento de férias de 15 dias. Vão vivenciar uma experiência de atividades lúdicas que giram em torno de questões que elas mesmo debatem, em seu espaço de conhecimento, sobre o que acontece em torno em sua cidade, em seu país, no mundo. Tudo isso na sua fala e no debate entre elas, crianças.

Eu vivenciei três Village's diferentes. Só pude vivenciar essas oportunidades depois de participar de módulos de treinamento que abordo em alguns detalhes no quarto capítulo desta monografia. Treinamentos que me fizeram também experimentar a forma como o *learn-by-doing* (em português, “aprender fazendo”) aconteciam com as crianças participantes de um

programa e de uma organização assim. O *leader's training* é pré-requisito para participação de alguns programas de acampamento que necessitam de tutores a crianças e jovens.

Esse adulto seria conhecido no acampamento como líder da delegação que tem o papel de tutor e responsável legal nestas viagens e nos acampamentos que acontecem nas férias. Além de desenvolvedores de atividades a essas crianças ao longo do acampamento. Líderes que conduzem a uma experiência e que desta a criança tira uma experiência de aprendizado próprio. São escutadas no que a aprendeu e respeitadas pelos modos em que foram educadas e direcionadas a serem como são.

Neste acampamento quatro crianças e um adulto são conhecidos como delegação. Esse adulto que vai com as crianças a esses acampamentos são os líderes e o objetivo desse papel é desempenhar uma condução às crianças de participação em atividades propostas para que sejam vivenciadas e expostas as experiências individuais e dos grupos formados por elas. No quinto e último capítulo deste trabalho desenvolvo uma etnografia das três experiências vivenciadas elas e por mim.

Nesses dias elas experimentam atividades, como que brincadeiras que as trazem a reflexões sérias. Reflexões estas que trazem o que sentiu cada um e a experiência de todos os outros. Tim Ingold retrata em sua obra *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill* o que é dada as crianças. A elas são dadas as condições de crescer, mas os responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento das crianças não são apenas os adultos. O antropólogo Ingold desenvolve a imagem das crianças como organismos e como tais são agentes da sua transformação. Os adultos promovem o meio onde as crianças crescem, mas eles não determinam seu crescimento. Os organismos, para Ingold

Figuram não como produtos passivos de um mecanismo – variações da seleção natural – que estão fora do tempo e da mudança, mas como agentes ativos e criativos, produtores, bem como produtos, de sua própria evolução.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Citação traduzida por Flávia Pires em *O que as crianças podem fazer pela antropologia?* (2000, p.145) ela cita INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

Dessa forma, o que busco mostrar é esse meu convívio com elas e como que eram conduzidas a serem atuantes nas relações que se engajavam e como a literatura da Antropologia da Infância tem buscado abordar isso: crianças não estritamente passivas de incorporações de papéis, vivenciando individualmente e em grupo o que cada uma pensava, sentia e era naquele momento no seu modo de ser infantil.

## **CAPÍTULO I – C.I.S.V – CHILDREN INTERNATIONAL SUMMER VILLAGE SUA HISTÓRIA**

“Pessoas aprendem mais efetivamente ‘coisas’ fazendo elas mesmas. Experiências devem ser recebidas diretamente e não de segunda-mão.”<sup>3</sup>

Doris Allen, proposta à UNESCO.

### **1.1 DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO APÓS PROPOSTA DA UNESCO EM 1946**

Narro nesta parte, de forma mais resumida e geral, informações históricas do que se sabe sobre a organização, conhecida como CISV. Entre histórias propostas em programas, percebeu-se ser necessário conhecer o seu retrato desde a construção. Juntamente à sua criação, e o desenvolvimento em diversos países o contexto da história do mundo que simultaneamente acontece. Junto à história mundial e ao crescimento desta organização não governamental, os diversos estudos sobre infância também estão sendo desencadeados na mesma época e no espaço da antropologia.

Entende-se essa parte como peças de um quebra-cabeça: a união desses pedaços se inicia com informações históricas do que é possível conhecer sobre a organização não governamental através das diferentes fontes com as quais foi possível contar para determinar uma parte de toda essa imagem. O *site* internacional do CISV foi em geral e importante ferramenta, como também o *site* oficial de São Paulo. Páginas nas redes sociais da organização e de programas como o do Mosaic foi de grande auxílio na coerência destes escritos. De forma fundamental possibilitou-se contar com o conhecimento e as experiências de duas pessoas próximas e atuais responsáveis do Comitê de Desenvolvimento de Liderança e Treinamento do CISV, Nathália Mundim e Renata Lopes e a generosidade das imagens cedidas por líderes e participantes em diferentes programas. Amizades que foram feitas nessa última experiência de campo. Essa parte da imagem que vai se formando é uma parte que ilustra a abordagem de toda a temática a ser desenvolvida ao longo do trabalho.

O primeiro passo então foi passar a entender o contexto histórico da criação do CISV, entre os anos de 1946 e 1951 e relacionar o mesmo período histórico do mundo e dos estudos

---

<sup>3</sup> Trecho do documento de proposta à UNESCO, escrito pela Doutora Doris Allen. Tradução livre.

da infância. Primeiramente para chegar à história do CISV, é necessário entender que no mundo, o cenário era de fim de guerra, aliada a isso uma busca incansável de iniciativas para manutenção da paz entre povos de diferentes nações. A UNESCO (Organizações das Nações Unidas para a Educação a Ciências e a Cultura) se desenvolve nesse espaço, especificamente no ano de 1947, em Londres, quando aprovado o Ato Constitutivo de sua fundação, como uma organização supranacional, com sua base filosófica descrita nos rumos da educação e cultura dentro da nova ordem mundial junto à ONU.

Bendrath e Gomes (2011)<sup>4</sup> ao dissertarem sobre a reconstrução histórica a partir do pós-guerra, expõe algumas iniciativas da UNESCO neste cenário. O organismo internacional trabalha no sentido de dar a luz à livre circulação de ideias e abertura cultural, especificamente aos seus países membros. As categorias que se enquadraram até os dias de hoje correspondem a documentos oficiais elencados no eixo comum dos pontos mais importantes dos tratados multilaterais entre esses países, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1945), a Convenção Relativa aos Direitos da Criança (1989), a Ação da Reunião de Declaração do Milênio (2000), por exemplo, que orientam as políticas sociais por meio de relatórios e conferências internacionais de maior importância. O organismo internacional se desenvolve em orientações específicas para educação que versam sobre diferentes níveis e modalidades em diferentes ramificações chegando a aspectos até mais específicos.

Continuando em Bendrath e Gomes (2011), o surgimento dos organismos internacionais a partir da necessidade de reconstrução dos países no pós-guerra conferiu novas formas de relações entre as nações, ou o chamado movimento de globalização, que envolveram aspectos como os da economia, educação e cultura.

É a partir desse movimento que o CISV descreve suas origens no mesmo cenário pós-guerra, onde foi lançada uma proposta da UNESCO de desenvolvimento de organizações pela paz para pós-graduados em diferentes disciplinas nas universidades. Isso chamou a atenção da psicoterapeuta de criança, Doutora Doris Twitchell Allen, especialista em crescimento e desenvolvimento da criança e em psicodrama pelo Instituto de Psicologia, da Universidade de Berlim. No site oficial do CISV, tão quanto em poucos lugares em que citam uma pequena bibliografia de sua vida, foi encontrado o que Allen divulgava particularmente em sua proposta onde, segundo a autora, a crença a qual dizia que a fonte principal para a paz em

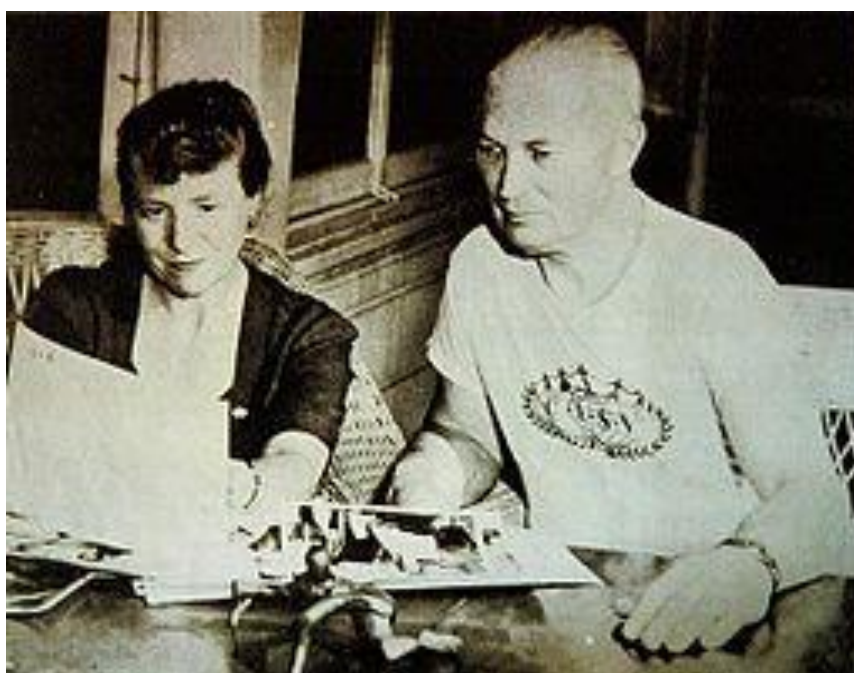
---

<sup>4</sup> BENDRATH, E. A; GOMES, A. A. Educação e Economia: A (Re) construção histórica a partir do pós-guerra. Histedbr. Campinas, N.44, 2011, p.92-106  
Publicado na revista Histedbr - UNICAMP.

longo prazo estava nas crianças. A partir daí ela foi desenvolvendo sua ideia em uma organização para este devido fim.

A história da ONG perpassa sobre a escolha do nome da organização utilizando as siglas C.I.S.V, em 1946, na expressão de sua idéia de unir crianças (*Children*) do mundo inteiro (*International*), fora do espaço-tempo escolar tradicional (*Summer Village*). Seu objetivo se determina através de ações que alcancem contato entre elas, gerando o respeito mútuo e valores tanto comuns como diferentes. É um primeiro olhar de como foi apresentado a base da história dessa organização. Em 1951, a mesma realizou o primeiro programa Cisviano, com a reunião de grupos de crianças (filhos de amigos seus) de oito países diferentes em Cincinnatti, Ohio, EUA.

Figura 1 – Doris e Rusty Allen em 1951, EUA.



Fonte: Wikimedia Commons.

Figura 2 – Primeiro Village. Delegação executando uma dança tradicional. 1951,EUA.



Fonte: Wikimedia Commons.

O CISV se descreve como uma organização internacional voluntária, independente, apolítica e sem fins lucrativos, tem como objetivo a proposta de “Educação para paz” e a amizade entre pessoas de diferentes nações. Carrega o logotipo de seu organismo internacional. É percebida uma clara semelhança com o símbolo da ONU.

Atualmente, na cidade de Londrina percebi alguns jovens de 14 e 15 anos, integrantes da ONG que desenvolveram um nome ao programa em que estavam participando: “Nosso Jeito de Mudar o Mundo”, onde eles informavam que o tema os direcionavam a meta de vivenciar os oito objetivos do milênio, criados pela então Organização das Nações Unidas. Logo, não somente o logotipo do CISV, quanto seu foco, também estão pautados naquilo que a ONU trás às nações participantes. Além disso, todo ano a organização tem um tema a ser tratado juntamente aos subtemas que cada programa, definindo, dessa forma, nos 65 anos completados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, o CISV adotou, em sentido de comemoração, o tema “Diversidade”, como o tema de 2014, o que demonstra a sua total ligação à ONU.



Figura 3 – Logo da ONU à esquerda. À direita, o logo antigo do CISV na parte superior e, na parte inferior, o logo atual do CISV. Ambas as bandeiras do CISV são derivadas da ONU. Agências e organizações ligadas a ela também se assemelham. Em meio às minhas pesquisas, percebi que os símbolos são bem carregados de ideologias. Há quem diga que os ramos que envolvem o mapa, são ramos de oliveira, símbolos da paz almejada em seu momento de criação. Por outro lado, há quem lembre que o que envolve o mapa são coroas de louros, prêmio máximo dos atletas gregos quando vencedores de um torneio ou campeonato e muito utilizado por imperadores também. A perspectiva do mapa mundi desenhada na bandeira antiga do CISV se assemelha com a ideia da ONU: Apesar de ambos mostrarem ao centro da sua imagem um mapa, o da ONU está com sua projeção central no hemisfério norte. A antiga do CISV parece valorizar os países associados, mesmo depois do início das entradas de outros países que não pertencem à projeção dos contornos que o mapa faz. Há outros símbolos que causam polêmica, como por exemplo, a forma em que as pessoas são ordenadas em homem-mulher-homem, o homem no centro e maior que todos os outros desenhados, além de pessoas com trajes, como que dando um estereótipo a toda uma nação sob essa pessoa. Isso é reformulado na atual bandeira.



Fonte: Google

Hoje o CISV se desenvolve nos 6 continentes do mundo. Então buscou valorizar todo o mapa e ainda sim, pessoas, quase que em unidades de irmandade, representando os participantes em todo mundo, entre tamanhos que simbolizam crianças, jovens e adultos unidos em prol dos objetivos da organização, sem que a imagem pareça envolver uma predileção por gênero e estereótipos.

## 1.2 A HISTÓRIA

Em 2011, participei de minha primeira reunião de apresentação do que seria o CISV. Nessa reunião foram repassadas informações em que a organização estava presente em mais de 70 países e que é filiada à UNESCO. Além disso, se descreve como uma organização que tem sido reconhecida mundialmente, no desenvolvimento de sua proposta educacional em prol de um mundo mais pacífico através de atividades e programas nacionais e internacionais de convivência entre crianças, jovens e adultos. Eu participei três vezes de um único programa, o que será explicado ao longo deste trabalho.

Tanto esse como outros programas de convivência entre jovens e adultos também podem ser conhecidos como acampamentos (*camping*), já que é escolhido um lugar onde eles estarão acampados alguns dias em convivência. São bem semelhantes a acampamentos que conhecemos, acontecem tanto em chácaras, escolas, fazendas, que abrigam os participantes em dormitórios coletivos, com toda estrutura de casa grande, afinal a duração desses programas é em média de 25 dias. Há quem se “acampa” nas casas de famílias hospedeiras. Ambas podem ser discriminadas como o “espaço do acampamento” que unem diferentes pessoas de diferentes estados ou países membros (*chapters*).

Também é passado nesses espaços de reuniões um pouco do que é o CISV desde o acontecimento do primeiro programa desta organização, em 1951. A organização veio a crescer em número de participantes, países e atividades ao longo desse tempo. Transcorridos esses 60 anos do *Village*, nome dado ao primeiro programa da ONG, o mesmo continua sendo à base das atividades educacionais do CISV e auxiliou no desenvolvimento de mais outros 6 programas diversificados para faixa etárias diferentes.

## 1.3 FORMAS DE MANUTENÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO CISV E EM SEUS PROGRAMAS

Acompanhei alguns gastos e investimentos que a organização vivencia neste tempo em que participo. Na minha entrada à vida Cisviana, como de todos que entram, é conversada a necessidade de pagamento de uma taxa de anuidade individual ou familiar pelos participantes da ONG para auxiliar os diversos custos do CISV. Por exemplo, há programas que os respectivos *chapters* recebem em sua cidade em tal ano, existem gastos com reuniões de primeiro contato e investimento com materiais para treinamento, com passagens de avião

de líderes e *staff's* a treinamento nacional, com um *staff* desenvolvendo seu trabalho em outro *chapter*, entre outros que explicam a necessidade de ser participante e colaborar com alguma parte de toda obra. É paga uma única taxa no ano, que pode ser paga em qualquer mês que for desejável por parte do participante.

Para programas em que se faz necessário viajar, o participante (ou os responsáveis, das crianças e/ou jovens) é quem paga suas passagens, mais uma taxa de estadia no local em que eles estarão indo participar do programa. O líder, tutor dessas crianças e jovens, que se voluntariou a desenvolver esse trabalho, recebe as passagens de avião. O valor é dividido pelo número de participantes em que ele será responsável. Quando fui líder de um Village levei quatro crianças a Portugal. As passagens de avião, de ida e volta do mesmo foi dividida entre os quatro pais dessas crianças que foram à experiência comigo, bem como a taxa de estadia do mesmo já estava inclusa na taxa de estadia de cada uma dessas crianças. Além disso, há outros auxílios financeiros e materiais por parte de organizações parceiras do CISV. Há também a realização de eventos para a arrecadação de fundo para acampamentos, tais como jantares, rifas, entre outros.

## 1.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ONG

Em diversas leituras percebi através do que vivenciei em minhas experiências com *Children International Summer Village* que o mesmo alicerça a sua crença baseada em um contexto de paz que pode ser possível através da amizade e que a diferença real pode começar a ser feita a partir da infância.

A metodologia de educação para paz é interessante no caso citado acima porque, ainda no contexto do programa, “*paz significa viver e trabalhar em união, aprendendo a apreciar as similaridades e diferenças*”<sup>5</sup>. Essa concepção de paz é desenvolvida ao longo de diversos programas, ligados aos objetivos da organização e pautadas sob a construção de uma comunidade inclusiva, o desenvolvimento das competências interculturais tão bem como as atitudes positivas voltadas ao outro e o ganho de interesse e experiência inicial em “Educação Para Paz” iniciado com crianças na idade de 10 a 12 anos.

A abertura de seu espaço é dada a cada participante em seu tempo e forma a oportunidade de incorporar valores adquiridos em suas participações, não somente em

---

<sup>5</sup> Como o CISV descreve seu objetivo pela proposta de “Educação Para a Paz”

programas, como dentro de suas comunidades, na medida em que se tornam “cidadãos globais” e buscam viver essa manutenção contínua da luta por um mundo mais pacífico.

Para isso, também desenvolve a formação de lideranças que cooperam e integram tanto de forma local, quanto entre nações, o conhecimento, o respeito e a solução pacífica em debates conflitantes. Desenvolve sua proposta educacional por meio das atividades e programas nacionais e internacionais de convivência, entre jovens de 10 a 19 anos, de diferentes países ou estados nacionais.

## 1.5 CONFERÊNCIAS

A organização também conta com o *Annual International Meeting (AIM)* que possui o objetivo de debater programas e atividades da organização, além da definição de prioridades, metas e ações para o ano seguinte. No ano de 2013, o Brasil foi sede do evento que é realizado a cada ano em um dos países que o CISV está presente. Acontece durante 12 dias com representantes de 60 países.

Há no Brasil também, o Encontro Nacional do CISV que acontece anualmente no mês de outubro, realizando um rodízio de hospedagem entre os *chapter's* do país. Nessa reunião ocorre a Assembleia que conta com três representantes oficiais do *chapter* (Delegados), sendo que um deles é representante do *JB*<sup>6</sup> e nesse encontro se define as novas regras, documentos e o orçamento para o ano seguinte. Também é nesse encontro que são distribuídos os convites para os programas internacionais aos *chapter's* brasileiros.

Figura 4 – AIM 2010 – Alemanha



Fonte: Wikimedia Commons. *CISV Board of Trustees in Session AIM 2010.jpg*

<sup>6</sup> Os Juniors Branch são jovens à frente da organização no objetivo de desenvolver projetos e campanhas que dão ao CISV essa proposta nova e contínua de educação para formar uma sociedade mais justa e humana.

O *International Juniors Branch Conference* (IJBC) trás uma reunião de jovens durante cinco dias, no qual refletem, discutem e iniciam outros projetos mais diversos para o próximo ano. Segundo o CISV, é de total interesse da organização a realização de tomada de decisões feita pelos jovens integrantes: corresponsáveis pelos rumos da organização, dando espaço para atuarem ativamente dentro de seus espaços de responsabilidade.

## 1.6 PAÍSES MEMBROS E ASSOCIADOS

Hoje a atual sede do CISV se encontra em New Castle Upon Tyne, na Inglaterra. Abaixo encontra-se a lista dos países já membros do CISV e associados e que se encontram em desenvolvimento de parceria.

Lista dos países em que o CISV se encontra bem estabelecido:

- |   |  |   |
|---|--|---|
| •  Alemanha        | •  Estados Unidos | •  Jordânia          |
| •  Argentina     | •  Filipinas    | •  Letônia         |
| •  Austrália     | •  Finlândia    | •  Líbano          |
| •  Áustria       | •  França       | •  Luxemburgo      |
| •  Bélgica       | •  Reino Unido  | •  México          |
| •  Brasil        | •  Grécia       | •  Noruega         |
| •  Bulgária      | •  Guatemala    | •  Nova Zelândia   |
| •  Canadá        | •  Honduras     | •  Países Baixos   |
| •  Colômbia      | •  Hungria      | •  Polónia         |
| •  Coreia do Sul | •  Ilhas Feroé  | •  Portugal        |
| •  Costa Rica    | •  Índia        | •  República Checa |
| •  Dinamarca     | •  Indonésia    | •  Senegal         |
| •  Egito         | •  Islândia     | •  Suécia          |
| •  El Salvador   | •  Israel       | •  Suíça           |
| •  Equador       | •  Itália       | •  Tailândia       |
| •  Espanha       | •  Japão        | •  Turquia         |

Países em que o CISV ainda está em um estágio inicial:

-  África do Sul
-  Argélia
-  Bielorrússia
-  Bósnia e Herzegovina
-  Camboja
-  Chile
-  República Popular da China
-  Chipre
-  Costa do Marfim
-  Croácia
-  Eslováquia
-  Eslovênia
-  Estónia
-  Geórgia
-  Gronelândia
-  Hong Kong
-  Kosovo
-  Lituânia
-  Malásia
-  Malta
-  Mongólia
-  Myanmar
-  Nepal
-  Nicarágua
-  Palau
-  Panamá
-  Peru
-  Quênia
-  Roménia
-  Rússia
-  Singapura
-  Ucrânia
-  Uruguai
-  Vietnã

## CAPÍTULO II – PROGRAMA E PROJETOS “CISVIANOS”: UMA ABORDAGEM GERAL DE SUAS PROPOSTAS

Os programas do CISV têm o intuito de dar a crianças, jovens e adultos o contato com a diversidade das tradições de todo o mundo, inclusive das regiões das nações que participantes da organização. Além desse ponto, o que vem sendo desenvolvido nesse espaço também é pautado no autoconhecimento do próprio participante sobre si e a cultura local no qual busca vivenciar um respeito às diferenças de todas as outras.

Apresento nessa parte os diferentes programas de forma mais geral. Na minha convivência com o CISV, conheci, vivenciei, experimentei de somente um programa, no entanto, obtive nesse convívio com muitas crianças e jovens, inúmeros contatos com participantes de outros programas. Meus interlocutores nesse espaço foram os sites brasileiros da ONG, os participantes desses programas, que fiz amizade ao longo do tempo que estou no CISV e, o Comitê de Desenvolvimento de Liderança e Treinamento de Brasília, que auxiliou a dar um ponto mais geral a cada um deles de forma coerente.

Lembrando que um grupo de participantes do mesmo *chapter* (cidade ou país participante) é conhecido nos acampamentos como delegação (*delegation*). Esse grupo, em alguns programas, é selecionado através do preenchimento de fichas de interesse. Esse preenchimento acontece depois do jovem ou da família ter tido algum tipo de contato com um CISV de sua localidade. Os primeiros contatos acontecem, em sua maioria, através do site oficial do CISV, em reuniões para novas famílias e de novos líderes. Através de festas tradicionais de cada país que o CISV realiza (como a festa junina, no Brasil, no meio do ano), festa de fim de ano e o *Welcome*. Também pelo *open day* de algum programa que uma cidade esteja realizando. Sabendo disso, apresento aqui, uma ideia geral de como é cada um dos programas e projetos da organização<sup>7</sup>:

---

<sup>7</sup> Espaços e reuniões essas que fazem pessoas, interessadas em conhecer o que é o CISV, terem seus primeiros contatos. Por exemplo, as festas juninas e de final de ano, aqui no Brasil, são tardes de “até logo” às delegações que vão viajar daqui umas semanas, seja no meio do ano, seja ao final dele. Nessa oportunidade, as expectativas e os programas que vão participar são explicados pelas experiências iniciais desses jovens. O *Welcome* é uma tarde de boas-vindas às delegações que já voltaram de algum programa e, que vão ser reapresentados, contando suas experiências, agora, realizadas. O *Open Day* é um dia em que, alguns programas, dão a oportunidade de abrirem as suas portas às diversas pessoas que gostariam de ter um contato com todo o acampamento: quem são os estados ou países participantes, o que trouxeram de seus lugares, apresentações, comidas e souvenirs.

## 2.1 VILLAGE

A idade dos participantes é de 10 a 12 anos. Essa experiência permite à criança, pela primeira vez dentro do CISV, o contato entre integrantes de diferentes estados ou nações, através da participação em um mix de atividades que desenvolvem tanto o autoconhecimento de onde vivem e como são, tão como obtém o conhecimento das semelhanças e diferenças dos outros participantes dos diferentes *chapters*. São vivenciadas atividades educacionais e esportivas, já que a criança parece estimular bem seus conhecimentos através de brincadeiras.

Em *Aprendizagem e Subjetividade: uma construção a partir do brincar*, a autora Regina Pedroza (2005) desenvolve a ideia de que, através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, resignificando-os. Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer.

Essas vivências também trazem a criança o brincar pelo brincar. A consequência é a brincadeira mas há um estímulo próprio delas dentro do Village a reações e reflexões. Quem participa é bem desafiado em corpo e mente a partir do que fazem. O ato de reproduzir brincadeiras às fazem ter diversas sensações, algumas das crianças podem desenvolver reflexões e atitudes diferenciadas após o brincar.

Buscam enfatizar a cooperação também. Dessa forma, após um debate entre elas, a busca delas é ser exemplo daquilo que se expressou e, cooperar para que o outro faça e seja também. Em média participam 4 crianças em cada delegação, em um programa há 10 a 12 delegações de diferentes *chapters*. A organização busca a oportunidade de a delegação ter o mesmo número de meninas e meninos.



Figura 5 – *Village* Internacional em Portugal – Julho de 2012.



Fonte: Registro Próprio.

O acampamento é coordenado por uma equipe de líderes-coordenadores adultos (*staff*) apoiados por uma equipe de líderes, como um tutor de cada uma das delegações, e de, em média, 6 Conselheiros Juniores (*Junior Counsellors* ou *JC's*, como são geralmente conhecidos) com idades de 16 e 17 anos. Pode acontecer na modalidade internacional, onde o acampamento acontece em 28 dias, como pode acontecer na modalidade nacional um acampamento de 15 dias.

Figura 6 – Imagem de uma dos JC's atuante e crianças participantes do *Village* em Filipinas no final do ano de 2010, início de 2011.



Fonte: Luiza Siqueira.

## 2.2 INTERCHANGE

A idade dos participantes é de 12 a 15 anos e, podem ser divididas em três intervalos: 12-13, 13-14 e 14-15 anos. É um encontro mais profundo entre dois países diferentes. Na realização do programa, eles visitarão um o país do outro. A cada participante é associado o que se conhece por “irmão”: ele se hospeda na casa do participante e, na segunda etapa do programa, recebe esse participante em sua casa. São desenvolvidas atividades em grupo, como a montagem de mini-acampamentos (programas de alguns poucos dias entre todos os participantes). O programa tem duração de 14 a 28 dias no total. As visitas aos diferentes países podem acontecer consecutivamente dentro desses dias ou a cada semestre. Participam 2 delegações, de 6 a 12 jovens cada. Buscam ser formadas com o mesmo número de meninas e meninos e é acompanhada cada uma por um líder adulto maior de 21 anos, especificamente.

Figura 7 – *Interchange*, 2008.



Fonte: Wikimedia Commons. CISV InterchangeExample.jpg. Postado por Gorskiya.

### 2.3 SEMINAR CAMP

A idade dos participantes é de 17 a 18 anos. É facilitado pelos próprios participantes, que desenvolvem seus próprios temas e pautas para explorar questões e formar opiniões sobre assuntos individuais, sociais e internacionais, dentro de uma estrutura de trabalho que se busca soluções positiva aos conflitos. Tem o objetivo de desenvolver um senso de responsabilidade pela sobrevivência pacífica do mundo, já que são abordadas, de forma mais profunda, temáticas sociais, políticas e econômicas que podem impactar seus participantes, sua nação ou outros lugares do globo, por exemplo e, que dão uma zona de debate intenso e ações a serem feitas. Sua duração é de 21 dias. Conta com até 30 participantes interessados em fazer os diversos programas que acontecem no início, meio ou final do ano em diversos *chapters* e conta com uma equipe de *staff* internacional sempre adulta.

Figura 8 – *Seminar Camp* – Imagem da esquerda, em Noruega, julho de 2012. Imagem da direita em Campinas, Brasil, 2011.



Fonte: Lucia Bertolacci.



## 2.4 STEP UP (ANTIGO SUMMER CAMP)

Faixa etária de 14 a 15 anos. Programa focado a adolescentes. Esse programa encoraja os jovens a se responsabilizarem pelo planejamento do programa e de tomada de decisões, através de um tema educacional específico que todo programa tem. Com essa ferramenta, eles se unem para planejamento das atividades dos 23 dias de acampamento, no objetivo de participação de todo grupo. O acampamento é coordenado por uma equipe de *staffs*. As delegações são de 6 a 9 países, formadas de 4 a 6 jovens cada, na tentativa de enviar o mesmo número de meninas e meninos, acompanhados por um líder adulto.

Figura 9 – Step up, antigo *Summer Camp*, em Modena, Itália, em julho de 2013 (as duas superiores), na Costa Rica, em julho de 2005 (inferior esquerda) e na Dinamarca em 2007 (inferior direita).



Fonte: Fernanda Marfa. Pedro Motta. Cinthia Vianna.

## 2.5 YOUTH MEETING

Cada programa tem uma faixa etária específica, dependendo do que vão abordar em cada sítio que acontecerá o acampamento. Acontecem *Youth Meeting* 12 e 13 anos, em um lugar, *Youth Meeting* 16 a 18 em outro lugar. A busca do participante é pelo programa e, ele vai buscar saber qual local está acontecendo um *Youth Meeting* de sua idade. Caso os

integrantes sejam menores de 16 anos, é necessário sair em delegação, acompanhados de um líder. É um acampamento de curta duração, tem o objetivo de permitir ao jovem explorar, também, em sua fase, semelhança e diversidade entre os participantes que faz contato. Busca reforçar, através de atividades que são desenvolvidas os principais valores do CISV. Os participantes devem ter a partir de 12 anos, esse programa dura 8 ou 15 dias e tem entre 25 a 35 participantes. Nos programas nacionais os participantes devem desenvolver um projeto relacionado ao tema do ano.

Figura 10 – *Youth Meeting* 16-18, Vitória, Brasil. Janeiro de 2012.



Fonte: Lucia Bertolacci.

## 2.6 MOSAIC

Podem participar todas as faixas etárias. *Mosaic* é um programa baseado em um projeto a ser desenvolvido no qual se objetiva em explorar um tema de um contexto local. Indivíduos e *chapters* se unem para encorajar o pensamento criativo e crítico direcionados a determinados problemas, que respondem a necessidades e interesses de um determinado local e suas soluções. O *Mosaic* procura criar um desejo pessoal aos participantes pela cidadania participativa, desenvolvendo a capacidade dos mesmos, a partir da participação e do contato entre outros, a tomarem iniciativa em suas comunidades. É um dos programas que busca

desenvolver projetos sociais, também, fora dos programas. É conhecido como uma extensão da participação dos civis a uma abordagem mais ativa na organização e na sua sociedade. Os projetos definidos e criados podem ser experimentados, trabalhados e realizados ao longo de um ano com a cooperação também de organismos parceiros da organização, o tamanho do grupo é ilimitado.

Figura 11 – Treinamento *Mosaic*, abril de 2014, em Brasília, Brasil.



Fonte: Fanpage Mosaic CISV Brasil.

## 2.7 INTERNATIONAL PEOPLE'S PROJECT (IPP)

A idade dos participantes é de 19 anos ou mais. Busca uma nova aprendizagem enquanto contribui ativamente para a comunidade local. Em parceria com organizações locais, os delegados participam de um trabalho de participação ativa de um tema ou projeto específico, por exemplo, sobre questões de preservação a natureza ou a imigração. Pesquisam essas questões em seus próprios países. No último plano, realizam atividades educacionais sobre os projetos desenvolvidos dentro do programa de duração de 21 dias. Pode ser oferecido um treinamento adicional pela organização parceira ou por outros especialistas na área escolhida que será desenvolvido o projeto. Ele se dá em um cenário internacional de cooperação entre diferentes países. Aproximadamente, participam desse projeto 25 participantes e uma equipe de *staffs*.



FIGURA 12 - TREINAMENTO *IPP*. COSTA DO MARFIM - 2014. PRIMEIRO PROGRAMA INTERNACIONAL DO PAÍS.



Fonte: Facebook. IPP CISV.

## 2.8 JUNIOR BRANCH

A idade dos participantes é de 11 a 25 anos. O *Junior Branch* é reconhecido pela ONG como “a própria alma e coração do CISV”, já que inclui jovens de 11 a 25 anos de idade, participantes do CISV que desenvolvem liderança, contato e conhecimento de comunidades diversas através de atividades educacionais e sociais ao longo de toda sua participação. Os *JB's* são jovens constantemente atuantes em contribuir de forma positiva em algo na sociedade ao longo de todo ano, fora dos programas para cada faixa etária. Os *JB's* gerenciam suas próprias atividades e desempenham um papel ativo nas responsabilidades administrativas em cada um de seus *chapters*, desenvolvendo os objetivos da organização, operando através de uma rede em nível nacional e internacional. Os *JB's* organizam seus próprios programas

que se referem a uma vasta gama de temas tais como justiça social e meio-ambiente. As atividades do *JB* são direcionadas à construção da comunidade cisviana (no qual a organização não se baseia somente em programas, mas também em desenvolver e por em prática projetos que afetam o meio social ao redor) e à promoção da paz através do ensino de suas experiências.

Figura 13 – Grupo de *Juniors Branch* em um dia de projeto social. “Peace One Day”, setembro de 2013.



Fonte: Julieta Guimarães. Crédito: Tom Lira Fotografia.



## CAPÍTULO III - VILLAGE: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL AOS 11 ANOS

“... As análises antropológicas passam a ver as crianças como membros plenos e ativos da sociedade, e não como pessoas incompletas que estariam em um estágio passageiro que precede a idade adulta, abordando com seriedade sua experiência social e os sentidos que as crianças dão aos vários aspectos da sociedade em que vivem.”

Clarice Cohn<sup>8</sup>

### 3.1 OS PRIMEIROS CONTATOS

No caminho de volta da colação de grau de minha amiga Thay, bacharel em Antropologia e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, ela e eu conversávamos sobre meu interesse em começar a desenvolver um pequeno aprofundamento na Antropologia da Infância, após ler uma ou outra literatura e me dar conta que era exatamente o grupo em que eu estava mais próxima e vivenciando experiências. Naquele ano de 2011 eu estava em um semestre que seria ao último em que ministraria aula de inglês particular e para turmas no local onde cursei o nível avançado e cursos especiais para professor.

No meio dessa conversa, Thay me contou uma experiência que havia participado nas últimas férias o qual, segundo ela, “tem tudo haver com antropologia e crianças”: ela estava participando de uma ONG que deu a ela a oportunidade de viajar para Suíça e vivenciar um contato de um mês com crianças de 12 diferentes países. Parecia que havia programas semelhantes a esses para acontecer naquele próximo mês. Ela ligou para uma das coordenadoras para dizer que tinha alguém que estava muito interessada em conhecer o programa, e que, caso estivessem precisando, ela me indicava como alguém que pudesse desenvolver bem esse trabalho. Porém a coordenadora do *Village*, Vanda Magda, lamentou dizendo que todas as delegações que viajariam, através desse programa, já estavam completas, mas que ela pegaria meus dados para começar um contato.

---

<sup>8</sup> COHN, C. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo, Global, 2002. p.213-235.

Esse programa que Thay me indicara era o *Village*: programa pioneiro da comunidade CISV, desenvolvido para os mais novos dessa mesma comunidade, os de 11 anos. Para eu entender um pouco do que seria isso e, desenvolver um interesse ou não a sua proposta, Thay me levou em sua casa, me mostrou fotos, vídeos, contou-me o que fez por lá, quem foram as crianças que saíram de Brasília com ela, um pouco mais da sua dinâmica, que só fui entendendo depois de muitas histórias, depois de reuniões de apresentação do CISV às novas famílias após iniciar minha participação nos espaços de treinamento e, finalmente, quando fui chamada a participar de meu primeiro *Village*, através da experiência vivida na pele.

Portanto nesse capítulo pretendo explicar de forma mais geral, um formato de melhor compreensão da base desse programa, de seus objetivos e de como é feito para alcançá-los e, também, explicar um pouco de cada uma das atividades que acontecem em todos os *Village's*, tornando um pouco mais compreensível o que é esse acampamento para quem participa e dialogar tudo isso com os estímulos das crianças e a contribuição da Antropologia em seus estudos sobre infância.

Infância essa que abordo sob o aspecto do meu trabalho de campo vivenciado e no entendimento de que as crianças também constituem interlocutores principais e legítimos de minha pesquisa, e que seus pontos de vista, suas visões de mundo, suas perspectivas e experiências, em sua especificidade e variedade chama atenção e têm muito a ensinar sobre vida social<sup>9</sup>.

Obtive essas informações por um labirinto de caminhos: contei mais uma vez com documentos oficiais e internacionais sobre o formato do *Village*, alguns através de pesquisas, outros contando com a generosidade de Nathália Mundim do Comitê de Treinamento que me enviou muito do que ela tinha. Abracei as minhas experiências e memórias aos meus registros. Como disse anteriormente nesse trabalho, vivenciando esse processo simultâneo em que eu sou fonte por estar presente em todos esses processos, porém só me apropriando de tudo que aqui descrevo com a ajuda desses interlocutores. Eu me remeto, tendo todo o respeito pelo conhecimento que me é passado.

O que compreendi é que o *Village* é uma das principais portas de entrada às crianças para vivenciar as propostas que a ONG oferecia em educação pela paz, meio ambiente e sociedade. E que não acabavam por aí. Porque, após a participação em um desses programas, caso interessasse a essas crianças, elas poderiam participar do CISV não somente em

---

<sup>9</sup> SILVA, A. L da; NUNES, A. Contribuições da etnologia indígena à antropologia da criança. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo, Global, 2002. p.213-235.

acampamentos de meio e fim de ano, como também, no desenvolvimento de projetos na sua sociedade local: em campanhas e movimentos que podem levar seus aprendizados através de ações mais concretas ao longo de todo o ano. Dentro da organização, há, por exemplo, o grupo de *JB's (Juniors Branch)* que são os principais atuantes de atividades assim.

Figura 14 – Exemplo de estímulo enviado por uma integrante do *JB* para mobilizar todos os outros participantes a atuarem nessa pequena ação social em auxílio de uma família refugiada da guerra da Síria.



Fonte: Página do Facebook do JB Nacional. Postado por Paola Ruschel Saiter Mota.

### 3.2 O VILLAGE

Nem todo mundo que hoje pertence à comunidade CISV começou por este programa. Eu mesma comecei como líder de delegação e não como criança. Portanto, o *Village* é um espaço em que os menores, na idade de 10 a 12 anos, têm através desses dias de

acampamento, o início do desenvolvimento em si da proposta que o CISV oferece de contato e amizade com diferentes civilizações, línguas, tradições culturais e experiências.

O *Village* se inicia com a apresentação dele nas diversas oportunidades que o CISV cria, tanto para sua comunidade como para os que possuem interesse em conhecê-lo. A partir do primeiro contato, quem se interessa bastante pelas experiências que a ONG proporciona, procura se inscrever para um programa de sua faixa etária e, enquanto aguarda seu acontecimento e sua participação, pode começar a desenvolver trabalhos sociais que a comunidade CISV busca sempre desenvolver ou, até mesmo, participar dos módulos de mini-acampamento.

O mini-acampamento é um acampamento de um final de semana, muitas vezes, em que crianças ou jovens interessados participam para ter um pequeno contato de como funciona um programa de sua idade. Acontece dentro de suas próprias cidades. Pode ser o ponto de decisão, tanto para os pais quanto para as crianças na participação (ou não) de um acampamento maior após vivenciada a pequena experiência.

Ao final de cada ano, cada *chapter* (cidade ou país local) já tem conhecimento de quais programas eles estarão no próximo ano. Dessa forma, cada programa tem seu coordenador local, e cada um deles entra em contato com a criança ou o jovem que preencheu uma ficha com seus interesses e faixa etária específica. Atualmente existem critérios de seleção de participantes que avaliam questões como a participação da família, do desenvolvimento de atividades no *chapter*, a faixa etária da criança, entre outros. Também se estão fazendo o programa pela primeira vez ou não.

Ao entrar em contato, o coordenador geralmente conversa com os pais do menor sobre a oportunidade do programa, se será nacional ou internacional, onde será e em qual período. Caso os pais se mantenham interessados, eles são chamados a uma primeira reunião. Nessa estarão as outras crianças ou jovens que disseram sim à oportunidade aos Coordenadores, treinadores, os outros pais e, o líder: integrante adulto, maior de 18 (para programas nacionais) ou 21, (para programas internacionais) responsável por acompanhar os participantes nessa experiência, desde esse primeiro encontro, como nos próximos, somente entre ele e as crianças. Como também na oportunidade da viagem (caso haja) e dentro do acampamento.

Particpei de uma dessas primeiras reuniões quando fui líder por duas vezes. Apresentamo-nos uns aos outros, nos conhecemos pela primeira vez e, trabalhamos principalmente nos quesitos de preparação até a nossa ida ao programa: fechando as datas das

próximas reuniões, uma noite para dormirmos juntos (*sleep over*), um dia de visitação a lugares da nossa cidade que gostaríamos de tirar fotos de toda a delegação (para levar aos que irão nos conhecer de outros locais do mundo ou do país nessa oportunidade) e, uma última reunião com os pais em que são recolhidos pelo líder documentos e dinheiro de cada uma dessas crianças para a viagem.

Então, falar de *Village* não é somente explicar todo seu formato, como farei a diante, mas é também comentar toda essa preparação de todos os participantes. No meu caso, foi extremamente necessária a minha própria preparação, em todas as duas oportunidades em que estive como líder de duas delegações de 4 e 6 crianças, respectivamente, em um acampamento do *Village* Internacional em Portugal e outro acampamento do *Village* Nacional em Vitória, Brasil.

O *Village* Internacional em que fui líder pela primeira vez aconteceu em Portugal. Éramos uma delegação representante do Brasil e, eu levei comigo 4 crianças, três meninas e um menino. Além de ser, em primeira mão a nossa experiência, era também a primeira vez em que eu viajava para fora do Brasil. Na minha bagagem, uma pasta enorme de passaportes e documentos, muito cuidado e responsabilidade mais que legal com cada criança, remédios e a expectativa de uma experiência única e de um emocional mais forte.

Houve um outro momento, uma outra preparação, que consistiu em eu estar na coordenação (ser Staff) de um *Village* Internacional em que Brasília sediou. Meu *chapter* é daqui e o tempo de preparação foi realizado com outras duas *staff's* que estavam comigo, Dora e Talita. Basicamente (mesmo que de forma árdua), como Staff's auxiliamos em toda a organização do acampamento, onde ele seria, como trabalharíamos a chegada, a estada, o programa e a volta das delegações que estavam participando dessa oportunidade.

Cada uma das minhas experiências irei relatar em um capítulo a parte, principalmente o que condiz no meu contato com esse programa e as crianças que nele estavam. Dessa forma irei me ater de como acontece um *Village*.

### **3.3 O ACAMPAMENTO E SEUS MÓDULOS**

#### **3.3.1 Indo a um *Village* Nacional.**

Quem participa do *Village* Nacional vivencia um acampamento de 15 dias em uma região que recebe e sedia em média outras 10 regiões do país. É um programa que vai

ênfatisar a proposta do CISV de educar e inspirar ações para um mundo mais pacífico, desenvolvendo atividades esportivas e reflexivas através de temas em que as crianças aprenderão com suas experiências. Ele acontece em um tempo mais curto porque as crianças já estão em seus países, portanto, o tempo de deslocamento é bem menor de uma cidade para outra. Outro quesito é que muitas vezes o *Village* Nacional serve para vivência de uma experiência de adaptação média da criança fora de casa. E, também, dentro de sua língua e de seu país.

### 3.3.2 Indo a um *Village* Internacional.

A duração desse programa é de 28 dias. Acontece em maior tempo para que seja bem mais aproveitado o tempo de adaptação para uma melhor convivência entre essas crianças ao longo desses dias.

Há delegações que demoram algumas horas para chegar no país que está sediando o *Village* Internacional, há delegações que demoram até mesmo dois dias inteiros. O tempo para elas começarem a se conhecer e se adaptar também são maiores, o idioma é algo que eu penso ser um espaço de descobertas e não de impedimento da comunicação, pois ao mesmo tempo em que elas não compreendem a fala uma das outras, elas começam a ter a expressão, a mímica, a escrita, o desenho como alternativas para iniciar o contato entre elas.

Tanto o *Village* Nacional, como o Internacional, costumam utilizar da diversão, do conhecer um ao outro e seus formatos de vida, como se comunicar, conviver juntos e cooperar uns com os outros. Para isso acontecem algumas atividades repetidas em todos os *Village's*, com uma ou outra adaptação que determinam os passos da criança nos objetivos em que o programa busca no seu espaço de educar nos formatos de proposta do CISV. Essa proposta tem o intuito de atingir a todas as crianças, mas reconhece que o desenvolvimento delas a essas propostas dependem de seus valores e maturidade, tendo em vista que cada criança possui a sua particularidade.

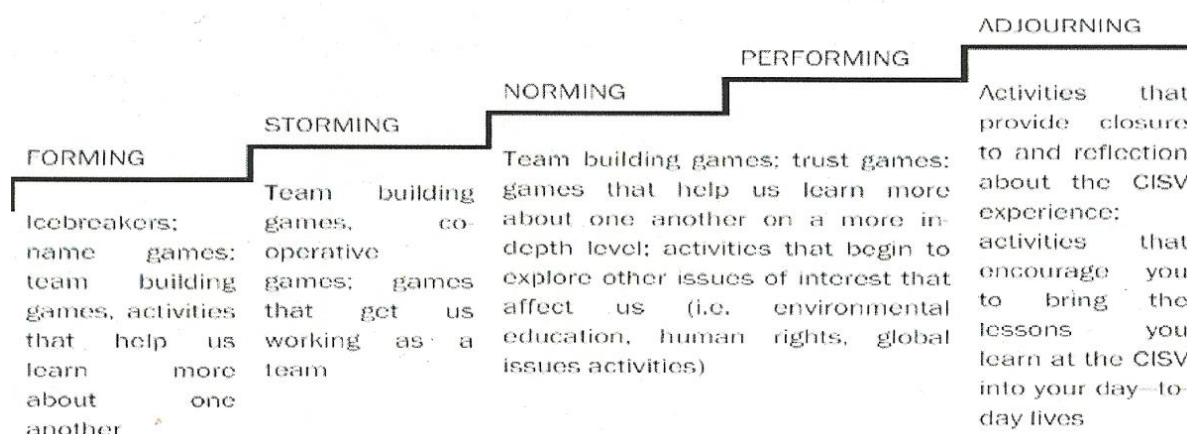
## 3.4 PROPOSTAS E OBJETIVOS DO PROGRAMA

É necessário desenvolver nas crianças participantes o que o CISV chama de ASK (*Attitudes, Skills and Knowlogde* – Atitudes, Habilidade e Conhecimento) como sendo esse, o formato em que o *Village* precisa para chegar aos seus objetivos, que são:

- Construir uma comunidade Inclusiva;
- Desenvolver conhecimentos entre as diferentes civilizações tão bem quanto atitudes positivas em relação aos outros;
- Adquirir um interesse e uma experiência inicial em educação pela paz.

O *Village* utiliza como base um modelo de desenvolvimento que é conhecido como “*The Ladder*” – A Escada ou A Progressão:

Figura 15 – Modelo de desenvolvimento do grupo no *Village*.



Fonte: Adults Handbook of Music Box Village – CISV Portugal.

É esperado que o grupo participante de um programa *Village* consiga ao final dele, ter vivenciado todas essas etapas através de um bom convívio, da amizade e do alcance positivo das atividades. Chegando sempre a maturidade de conseguir vivenciar as novas atividades do próximo passo.

A maturidade não é esse efeito e circunstância de quem se encontra na fase adulta ou de forma completa. Penso nesse estágio como espaço de quem vivencia um desenvolvimento intelectual, emocional, espiritual, corporal contínuo, não se esgotando somente neste ponto. Aqui estou falando de crianças que possam se desenvolver da forma em que elas mesmas se

concedem a partir de tudo na vida que possa vir a ser apresentado e cada um no encontro de seu espaço e tempo.

Como essas etapas são vivenciadas por atividades que as caracterizam é importante que eu apresente e explane algumas delas, principalmente as que pude vivenciar com as crianças que participei nos três *Village's* que fui.

Os termos *Forming*, *Storming*, *Norming*, *Performing*, *Adjourning* não foram criados, nem são usados, pela primeira vez no *Village* do CISV. Há muitos escritos sobre esses termos, descritos nessa ordem, que são passados muitas vezes por um líder, para o desenvolvimento e a preparação de um determinado grupo que deseja alcançar objetivos em atitudes, habilidades e conhecimentos a partir do lugar onde estão:

- 1ª degrau: O *Forming* acontece nos primeiros dias de acampamento. É o primeiro momento de apresentação, entrosamento entre as crianças e que elas vão conhecendo um ao outro através de muitas atividades em que buscam expressar um pouco de si;
- 2º degrau: O *Storming*, geralmente, acontece após a primeira semana do acampamento, no caminho para a segunda, onde são vivenciadas pelas crianças atividades de cooperação e trabalho de equipe. Elas vão memorizando os últimos nomes que faltam, quem é quem e, as primeiras percepções que cada um tem de cada um e vão com todo esse entrosamento participar de atividades em grupo e de muito auxílio (cooperação) um com o outro. Esse espaço é vivenciado com muito entusiasmo e emoção através dos jogos de cooperação e competição. É aqui que as amizades começam a se fortalecer.
- 3º e 4º degraus: Essencialmente o *Norming* e o *Performing* trazem com mais força, através das atividades, os objetivos do programa e do CISV. O autoconhecimento e o conhecimento do outro é o que mais se expressa. Quanto mais se conhece o outro amigo, melhor é, assim, quanto mais se vivencia uma atividade com intensidade, mais entendimento e sentimento pode se ter no que foi ali vivido. Nessa etapa, as crianças são auxiliadas a entender um pouco mais sobre os Direitos Humanos, desenvolvimento do meio ambiente, diversidade, discussões mais atuais do que acontece no mundo, tudo através, principalmente, de suas percepções. Aprendem a se posicionar ou até mesmo se autocorrigir. Um pequeno conhecimento sobre cada uma das regiões ou nações está sendo ali implantados através de algumas atividades em que são apresentados os seus lugares.



- 5º degrau: O *Adjourning* tem o objetivo de fixar a experiência vivida ao longo das 2 ou 4 semanas de acampamento pelas crianças. Suas experiências com as novas amizades, mas também os conhecimentos e os novos aprendizados trocados. São desenvolvidas atividades que estabeleçam a confiança em si e no outro como um ponto também necessário para atingir o objetivo da paz. É o momento mais intenso do programa que está chegando ao final, que deixa saudades nessas crianças de tudo que foi vivido, mas de casa também. Elas caem no entendimento que estiveram naquele espaço não somente para vivenciar uma colônia de férias, mas diversos conhecimentos expressados pelas outras crianças vindas de um outro lugar, de uma outra tradição, de um outro idioma, enfim, algo que pode ser diferente do que eles vivenciam todos os dias ao longo de sua infância.

### 3.5 PARTICIPANTES DE UM VILLAGE

O grupo dos adultos no acampamento é formado pelos *Staffs's*, líderes e *JC's* (*Juniors Counsellor*). Os *staff's* são os que organizam todo acampamento, desde o início de tudo: na escolha do lugar onde abrigam essas crianças, no contato prévio com os *chapters* e líderes participantes para dar informações de como preparar as crianças para o que vivenciam ao longo dos dias no *Village*, e que, ao longo do programa, enquanto ele acontece, é o apoio dos líderes naquela cidade ou país. Além de ser responsável principal por todo acampamento e tudo que nele acontecer. Dividem-se em diversas responsabilidades como, por exemplo, quem cuida dos documentos, do dinheiro, das compras, do hospital, do atendimento a solicitação de espaço religioso fora do acampamento, muitos outros. Estabelece comunicação com a segurança e a emergência do local para qualquer caso nesse devido fim. Enfim, desenvolve tudo que pode fazer para o bom andamento do programa. Pude participar dessa experiência uma vez. Como já mencionei antes, alguns fatos contarei em um espaço mais à frente.

Figura 16 – Grupo de Staff's do *Village* Nacional em Vitória – ES. – Janeiro de 2014.



Fonte: Albúm de fotos do Super Fantástico Village.

Os *Staff's* contam também com um grupo do próprio *chapter* hospedeiro conhecido como *Staff* Externo. Todos eles estão fora do acampamento, mas estão à disposição para qualquer emergência e necessidade que o grupo tenha dentro do acampamento. Encaminha correspondências, leva materiais necessários, como alimento, materiais de escritório, produtos pessoais, entre outros. A polícia e o hospital mais próximo do local do acampamento também são notificados antes do programa acontecer, sobre um local que está recebendo muitas crianças, pessoas que não são daquela região ou país, para qualquer emergência.

Os líderes são como que tutores dessas crianças desde quando as conheceu e, principalmente a partir da saída delas do lugar onde vivem. São dados como responsáveis legais das crianças, respondendo de forma imediata a tudo que elas necessitam em casos emergentes e não emergentes. Ao longo do programa vivenciam uma relação com as crianças não só de responsabilidade, mas como de quem auxilia no direcionamento da aprendizagem delas, por exemplo, na comunicação, no sentimento do grupo, no estabelecimento de boas condutas. É amigo, amiga, chama atenção, sem repreender, acolhe sem excluir, dá bons exemplos em suas atitudes. Posicionei-me em duas experiências nesse âmbito, que gostaria também de explicar a frente deste trabalho.

Figura 17 – Líderes do *Village* Internacional em Coruche – Portugal – Julho de 2012.



Fonte: Rita Correia.

Os *JC's* é um grupo de 6 participantes, de 16 e 17 anos, que vivenciam um papel intermediador entre as responsabilidades dos adultos e a diversão das crianças. Eles são importantes como ponte de interação entre as crianças e os adultos. Até mesmo entre as próprias crianças, já que fazem elas interagirem mais umas com as outras através das brincadeiras, das conversas, da amizade que levam com elas no dia a dia. Como também auxiliam na resolução de conflitos, nos moldes de um pensamento mais jovem, de como levar tais problemas e questões da melhor forma ao longo desses dias. Talvez ser *JC* é ainda muito mais do que eu possa escrever aqui. Para uma função como essa eu já estava mais velha para exercer. Só um *JC* pode contar bem suas experiências de *JC*.

Figura 18 – *JC's* fazendo a recepção da chegada das crianças no acampamento *Village* Internacional em Brasília – Brasil. Julho de 2013.



Fonte: Registro Próprio.

### 3.6 ATIVIDADES QUE DESENVOLVEM AS ETAPAS DOS OBJETIVOS DO *VILLAGE*

Em um programa que reúne crianças de diferentes países, regiões e tradições, elas são vistas, por mim, como ativas construindo e determinando o que buscam para a sua interação na vida social, no contato com os que as rodeiam, e na sociedade na qual vivem. E durante esses 15 dias ou um mês em que vivenciam o *Village*, unidas a tantas outras “infâncias”, elas não são apenas dadas como sujeitos passivos de estruturas e processos sociais: elas reconstróem o que é ser criança, primeiramente, nesse meio social em que vivem ao longo dessa participação, e depois na sociedade em que diariamente estarão e, assim, ao longo de sua vida. Desenvolvem certas atividades, não somente para fornecer indicações de como serão



suas futuras participações e integração no mundo dos adultos, daqui a uns anos, mas no que podem fazer enquanto crianças (SILVA e NUNES, 2002)<sup>10</sup>.

O acampamento *Village* começa com a chegada das delegações à cidade ou ao país que será sediado o programa. O espaço-sede, ou *chapter* hospedeiro, faz toda uma preparação com o máximo de pessoas de sua comunidade, durante quase um ano, para que possam receber bem esse programa assim que as delegações chegam. Nessa chegada, os líderes se separam das crianças por dois dias. O grupo de adultos vai para o local do acampamento para ser orientado e organizar tudo aquilo que podem para desenvolver bem os outros 26 dias de programa a cada uma das crianças.

Figura 19 – Dias de preparação inicial dos líderes antes da chegada das crianças no acampamento – *Village* Internacional em Coruche – Portugal. Julho de 2012.



Fonte: Rita Correia

Para que o *Village* aconteça e desenvolva bem a sua proposta, se faz necessário pensar sobre um formato que ela obedece no dia a dia de um acampamento que dá direcionamento e espaço para as outras coisas que acontecem de modo particular em cada *Village*. Diariamente,

<sup>10</sup> SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Ângela. A Contribuição da etnologia Brasileira à antropologia da criança.

algo que esboça muito bem essas atividades comuns a cada programa é representado pelo *Schedule* (horário):

Figura 20 – Schedule Village Portugal – 2012.



Fonte: Registro Próprio.

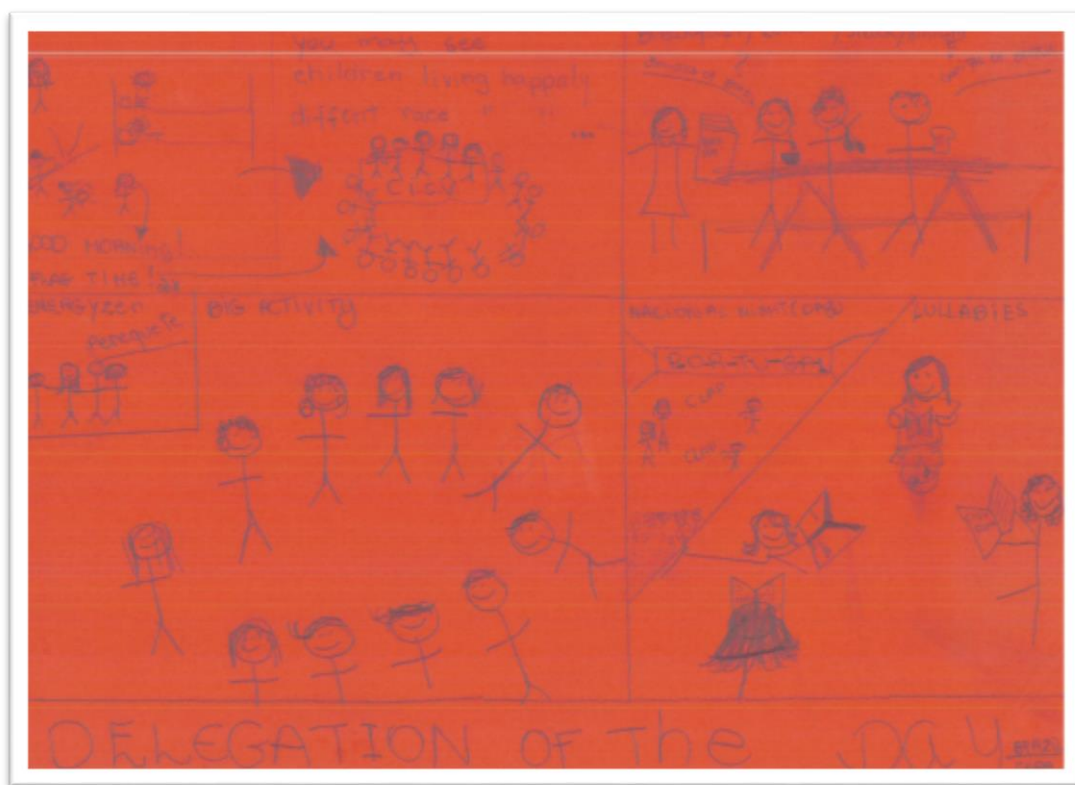
Essa grade de horário apresenta atividades que são necessárias em todos os programas, cada uma delas acontecendo de acordo com o estilo dos participantes e de como será trabalhado o acampamento. As explicarei de modo geral. Minha intenção é colaborar para o entendimento prévio de um cenário que posso vir a descrever mais à frente, onde contarei um pouco mais sobre o dia a dia das crianças e como elas me deram a oportunidade de conhecer a experiência de vivência com elas, após ter em mãos, uma introdução de estudos que as discutem. Portanto, esses momentos e essas atividades são<sup>11</sup>:

*Delegation of the Day* / Delegação do dia – essa é uma importante atividade que as delegações irão conduzir o dia todo da sua forma. Acorda todos os participantes, inclusive os adultos, com suas músicas, instrumentos, utilizando seu idioma. Lidera e conduz o tempo da execução do hino do CISV, a ordem dos grupos que irão começar a se servir nas refeições, fazendo uma forma dinâmica para isso. Determina um mix dos lugares das mesas onde cada um vai comer, estabelecendo assim, a cada refeição, um grupo de diferentes crianças unidas

<sup>11</sup> Todos esses momentos e essas atividades são chamadas dessa forma tanto no *Village* Internacional quanto no Nacional. Quando no Nacional elas são conhecidas da forma traduzida eu cito aqui um traço em cada um dos seus nomes.

vivenciando mais contatos. Escolhem as músicas do *Lullabies*, última atividade de interação antes de dormir, que será explicado posteriormente. Entusiasmo todo o acampamento com os *Energizers*, que são brincadeiras em canções que deixam todo mundo bem empolgado, energizado, como o próprio inglês sugere, antes das atividades. E, finalmente, não menos importante, no outro dia, eles desenhavam ou escrevem um diário de campo de como foi esse dia para eles, contando tudo o que fizeram e tudo o que aconteceu. Como cada delegação tem um ou dois dias, no máximo, no calendário é conseguido um diário de campo de todos os dias para lembrar por muito tempo, como foram cada um dos dias de acampamento *Village*.

Figura 21 - Diário de Campo de Sara Viana (12 anos) sobre o dia de sua delegação, a do Brasil. *Village* Internacional em Coruche – Portugal. Julho de 2012.



Fonte: Sara Viana.

*Flag Time* – É um momento que acontece diariamente, onde todos se cumprimentam ao acordar e antes de dormir e cantam o Hino do CISV. A intenção desse momento é poder saudar todo o grupo utilizando-se do idioma ou forma de saudação própria de cada uma das



delegações. Cantar o hino ao acordar e antes de dormir auxilia todo grupo a refletir sobre os principais motivos que estão ali, ou pelo menos, deveriam estar.

Figura 22 – Hino do CISV à esquerda e, à direita, o modo como ele acontece em um *Village*.



Fonte: Registro próprio

*Cleaning Groups* / Grupos de limpeza e organização – Ao longo de quase todos os dias do acampamento, as crianças são montadas em grupos de diferentes delegações para revezarem a limpeza de diversos lugares do acampamento. Cada grupo contém dois ou três adultos que dão os materiais, o apoio e a supervisão do trabalho diário, curtem um acampamento mais arejado e limpo, organizando os materiais que utilizaram durante as atividades, catando papéis que estão no chão, na grama, no campinho, lavando as louças do café de todo o acampamento, varrendo a comida do chão nos refeitórios e dando uma limpeza geral nos quartos, por exemplo.

*Kiitos* – É uma canção em agradecimento à refeição que todos fazem. É cantada no almoço e no jantar. Esse agradecimento é uma música escrita em muitos idiomas. A ideia é agradecer quem produziu, quem fez e pelo alimento em si. Portanto, não há tradução.



Figuras 23 e 24 – A letra da canção Kiitos e todos do acampamento cantando depois do almoço – Village Internacional em Coruche – Portugal. Julho de 2012.



### KIITOS

Kiitos ruuasta, se oli maukasta  
Takk for maten den var god  
Vi er alle mette no  
Ikke no, ikke no, ikke no, men no

Fonte: Registro Próprio.

*Siesta Time* – É o momento que deve ser o mais quieto ao longo do dia, além da noite. É o espaço após o almoço que tanto elas quanto os adultos descansam, relaxam e para isso, o silêncio nos quartos é imprescindível como espaço de respeito a quem quer ter esse tempo no meio do dia. Há quem gosta de escrever cartas ou em diários, já que é um espaço de silêncio e calma dentro do dia super agitado que elas tiveram.

*JC Shop* – Geralmente acontece no *Siesta Time*. É montado um espaço para lojinha de vendas de doces, sorvetes, salgadinhos, refrigerantes para serem consumidos depois do almoço. Os *JC's* são quem conduzem essas vendas, de acordo com a liberdade e as restrições

que todas as crianças têm, além do limite em dinheiro que elas podem gastar. Tudo pré-informado pelos líderes responsáveis por cada uma dessas crianças. Além disso, também são vendidas camisas, casacos, acessórios do CISV local e Internacional.

*National Night* / Noite Nacional ou Regional – É uma noite (ou dia) em que uma delegação traz algo de suas tradições para apresentar a todo acampamento: uma dança, um teatro, uma canção, um jogo, uma brincadeira, refeições, vídeos sobre seu país ou região, souvenir. Cada delegação escolhe a data e o momento do dia para sua Noite Nacional ou, no caso do *Village* Nacional, Noite Regional. E é realizada, como uma das atividades do dia, no qual é desenvolvido um espaço de conhecimento de cada tradição que foi escolhida para interagir com o acampamento. Nesse dia é entregue o chamado *Scrapbook*, ou albinho. Um folheto montado em que contém fotos e informações pessoais de cada um dos integrantes da delegação, como telefone, email, redes sociais e, informações sobre seu país ou região, língua e até mesmo receitas de pratos tradicionais da região.

Figura 25 – Fotos de diversas Noites Nacionais e regionais que participei nos *Village's* em que estive.



*Delegation time* – Espaço do dia em que as crianças se reúnem por delegação para discutir, entre elas e o líder, como está o aproveitamento do seu dia, abordando os pontos

positivos e os negativos de todos os momentos. Repartem as suas próprias histórias e a dos outros, compartilham sentimentos, aflições, reclamações e saudades de casa. Como também se unem para organizar a sua noite nacional/regional, jogar, desenhar ou desenvolver uma atividade naquele grupo que conheceu no primeiro contato com o *Village*.

Figura 26 – Delegação do Brasil em que fui líder no *Village* Internacional em Coruche, Portugal, comendo o resto da calda de chocolate de um bolo que foi feito na cozinha no momento *Delegation Time*.



Fonte: Registro próprio.

*Lullabies* – É uma atividade de relaxamento ao fim do dia agitado que as crianças costumam ter no *Village*. Elas saem da última atividade do dia, escovam os dentes, vestem seus pijamas e vão para um lugar bem aconchegante que foi escolhido desde o primeiro dia do acampamento, simplesmente para cantar, tocar e, começar a dormir ali. Todas as delegações, com seus líderes, *JC's* e *Staff's* participam desse momento em que deixam as crianças mais calmas antes de ir para a cama. Se for por elas, o dia continua na madrugada a fora. Porém,



como todo dia costuma ser longo e agitado, o espaço do sono é mais que necessário. Elas cantam as músicas que a Delegação do Dia elegeu. As favoritas dos acampamentos em que eu estive foram as canções dos Beatles, “Let it Be” e “Yellow Submarine”. John Dever com “Leaving on a Jet Plane”. Bob Marley com “Hotel California” e “Is this love?”. The Black Eyed Peas com “Where is the love?”.

Figura 27 – Espaço e modo como acontece o *Lullabies* antes das crianças irem dormir.



Fonte: Blog Bring The Action 2013. Step up camp.

*Leaders Meeting* / Reunião dos Líderes – Todos os dias é necessário um espaço de reunião entre líderes, *staff's* e pelo menos dois *JC's* para avaliação de como está o dia. As atividades, os sentimentos próprios e o das crianças, os problemas e as estratégias para resolvê-los e a formulação inicial de atividades para o próximo dia são conversadas nessa reunião. No espaço de final da tarde, enquanto os líderes se reúnem para debater diariamente as questões supracitadas, todos os outros 4 *JC's* estão auxiliando e supervisionando a organização das crianças na hora do banho.

Figura 28 – Reunião de Líderes – *Village* Internacional em Brasília – Julho de 2013.



Fonte: Registro próprio.

*Open Day* – É um dia em que o acampamento abre as portas para receber pessoas do local onde está sendo sediado o programa. Nesse dia, todas as delegações apresentam o que trouxeram de sua região ou país aos que vieram conhecer. Cada delegação, basicamente, apresenta aquilo que trouxe para Noite Nacional/Regional. Com todo grupo são planejadas outras atividades para acolher bem essas pessoas de fora do acampamento, uma que entrose os visitantes, divertindo a todos e que tenha a ver com o tema daquele acampamento. Nessa oportunidade também, no caso do *Village* Internacional, acontece o envio das crianças ao “*Family Weekend*”, em que famílias cisvianas levam duas ou mais crianças de diferentes delegações para a sua casa em um final de semana cheio de entrosamento com o país em que estão sendo recebidas e com as tradições dos seus hospedeiros. Paralelamente acontece para os adultos, o “*Leader’s Weekend*”, onde eles descansam, saem e vivenciam reunião de tomada de decisões para os próximos dias. Nesse final de semana pode acontecer, por exemplo, o “*Leader’s Night Out*”, tudo depende de como está sendo organizado pelo Staff e a característica do grupo de adultos.



Figura 29 - Delegações com seus stands montados para receber os visitantes do acampamento *Village*. Imagens da esquerda: Delegações de Israel e Senegal; da direita: Korea e México.



Fonte: Rita Correia.

Figura 30 – Momentos descontraídos de finais de semanas, de *Village's* Internacionais (Portugal e Brasília), em que os líderes descansavam enquanto as crianças estavam no “*Famíliy Weekend*”.



*Leader's night out* – É organizado tanto no *Village* Nacional, quanto no Internacional, uma saída do acampamento de todos os adultos por determinadas horas do dia para fazer

alguma atividade extra de descanso, descontração e entrosamento. O dia e o tipo de saída são determinados pelo *Staff*, que mora e conhece a região onde estão para levar todo mundo a um bom restaurante, clubes, passeios ou boates. É bem interessante e necessário um espaço desse em que é desenvolvido ainda mais a amizade entre os adultos nesse programa. Já as crianças, nesse dia, ficam com os que se voluntariam a ser *Angel's Night Out*. Esses voluntários são pessoas do *chapter*, visitantes do acampamento.

Figura 31 – *Leader's night out* – São Pedro de Moel – Portugal. Julho 2012.



Fonte: Rita Correia.

*Day off* – Todos os adultos têm o direito de um dia de descanso das atividades do acampamento e das crianças, particularmente, no *Village Internacional*, pelos quase 28 dias (e noites) inteiramente dedicados ao programa. De forma geral, há um *Staff* responsável por auxiliar os outros líderes a sair pela cidade (ou a lugares do país mais próximos) para descansar e passear durante 24 a 36 horas. Devem sair dois a três líderes, no máximo, para um dia como esse, marcado antecipadamente com o *staff* responsável e deixando suas crianças sob a responsabilidade de um líder que estará naquele dia no acampamento.

*PDPEF* – (*Programme Director's Planning and Evaluation Form*) – Documento designado em avaliar o que foi planejado e a evolução de cada uma das crianças dentro do que foi feito, sob o olhar dos objetivos do programa e de como elas corresponderam aos estímulos dos modelos planejados e aplicados dentro do acampamento. Esse documento é preenchido

em algumas fases do programa. Essa evolução pondera os três objetivos que o *Village* busca desenvolver nas crianças, o ASK. Para responder é utilizado um código, que corresponde a uma resposta e uma experiência da criança ao longo dos dias de programa. Para descrever esse documento, utilizei do “*Education Evaluation Report 2012*”, que se encontra no “*Evaluation Results*”, nos documentos do CISV Internacional:

Códigos para atribuir a cada criança, em cada objetivo:

1. Não evidente;
2. Mostrou conhecimento no assunto;
3. Mostrou conhecimento e soube conectar com situações reais;
4. Influenciou outras pessoas no desenvolvimento desse conhecimento.

Objetivo 1 – Desenvolvimento de competência intercultural. No qual a criança:

- a) Apresenta conhecimento de sua própria cultura e é capaz de refletir sobre isso (Conhecimento);
- b) Adquire conhecimento de outras culturas (Conhecimento);
- c) Está de mente aberta aos novos conhecimentos (Atitude);
- d) É capaz de refletir os novos conhecimentos (Habilidade).

Objetivo 2 – Construção de uma comunidade Inclusiva entre as amizades. No qual a criança:

- a) Interage com os pares de outros países/regiões (Habilidade);
- b) Entende a importância de ter confiança dentre as amizades (Atitude);
- c) Entende os benefícios de uma comunidade inclusiva (Atitude);
- d) Contribui para a criação de uma comunidade inclusiva (Habilidade).

Objetivo 3 - Desenvolvimento de atitudes positivas diante os outros. No qual a criança:

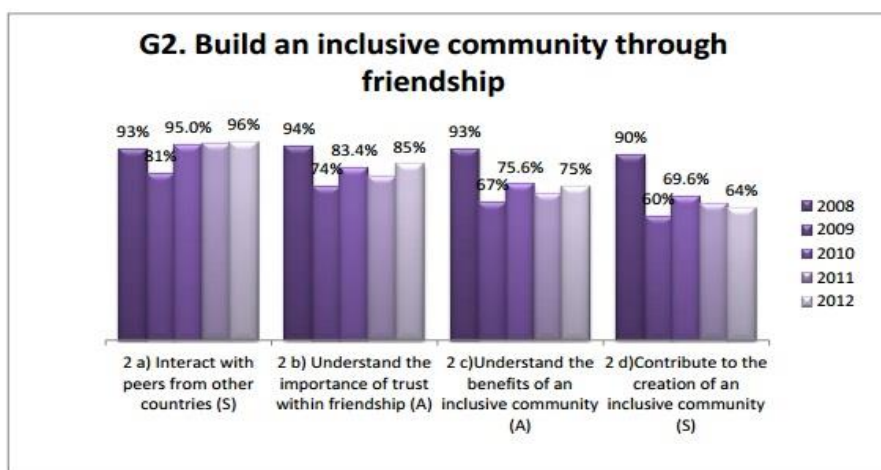
- a) Respeita o ponto de vista de outras pessoas (Atitude);
- b) Responde positivamente os desafios (Habilidade);



- c) Demonstra um cuidado com os outros (Habilidade e Atitude);
- d) Respeita os sentimentos e os pertences de todos os outros (Habilidade e Atitude).

Esse documento é de extrema necessidade de conhecimento para o CISV analisar como está o desenvolvimento de cada um dos programas e como os objetivos em particular estão atingindo tanto de modo geral, como particularmente cada um dos participantes daquele ano.

Figura 32 – Exemplo de análise geral dos resultados de evolução do *Village* no ano de 2012 no quesito objetivo 2. O que foi observado, o que se é recomendado e, perguntas que poderiam nos dar respostas mais subjetivas sobre esses resultados.



**Observations:** Indicator 2a continues to perform better than 2b and 2c, and 2d remains considerably lower.

Lower scores for 2d suggest that delegates still struggle to understand and practice the concept of inclusion. It was proposed last year that this may be a result of cultural or linguistic differences. However, it would be interesting to explore whether this is a realistic objective based upon the developmental stage of this age group.

**Recommendations:** For training, the IVC may want to define specific behaviors which would represent attitudes and skills of inclusion in this age group. If adults are evaluating based upon a more mature or advanced understanding of the concept then it may interfere with the delegates' ability to achieve these indicators.

**Questions:** What observations are being made to evaluate inclusion? Does this impact attitudes or skills of inclusion?

Fonte: Village Education Evaluation Report 2012.

*Lights out* – É na hora que as crianças vão dormir que se iniciam o planejamento das atividades do outro dia no *Leaders' room* (sala dos líderes). Às vezes duram mais da metade de uma madrugada para desenvolver toda uma atividade. Nem todos os dias isso acontece para todos os líderes, *JC's* e *Staff's*. Toda noite tem um determinado *Planning Group* (grupo de planejamento) para executar as ideias e as atividades. O resto do grupo de adultos auxilia

no que for necessário o grupo de planejamento. Eles são rotativos, todo dia e noite tem um executando, outro à noite, planejando e os que já trabalharam descansando, ou só auxiliando, para que não fique mais corrido e pesado do que já costuma ser para todos. Os *Planning Groups* seguem as propostas das atividades através do andamento dos objetivos no acampamento. No *Lights Out* é o momento também em que os líderes podem utilizar o celular e os computadores para se comunicarem tanto com *chapters*, como conversar com a família ou amigos.

Figura 33 – Planning Groups preparando uma atividade para o dia seguinte. *Village Internacional* em Coruche – Portugal. Julho de 2012.



Fonte: Registro próprio.

*Translation Time* – É um espaço que acontece, particularmente, no *Village Internacional* e especialmente nos momentos de atividades, jogos, noite nacional, brincadeiras em que, costumam ser explicadas em inglês uma dessas atividades acima a todo o grupo, cada líder vai traduzir, no seu idioma e, por vezes em voz alta, para as crianças que ainda não compreenderam em inglês.

*Excursion & Shopping day* – Como viajar para outra cidade, ou até mesmo para um outro país e não passear para conhecê-lo um pouco? O propósito do *Excursion day* é um dia das crianças fora do acampamento para conhecer a região que está acolhendo esse programa. São escolhidos lugares históricos, passeios exóticos, atividades pela cidade. É uma outra oportunidade de ter contato com um espaço diversificado, de comportamentos e hábitos, arte, construções e histórias diferentes.

FIGURA 34 - DIA DE EXCURSÃO POR BRASÍLIA – *VILLAGE* INTERNACIONAL EM BRASÍLIA- JULHO DE 2013.



Fonte: Registro Próprio

O papel do líder é conduzir essas crianças a vivenciar os objetivos do programa e tudo que a experiência pode desenvolver nelas. Há um treinamento que auxilia o papel dos líderes em todos os âmbitos de responsabilidade e condução do grupo, vamos conhecê-las.

## CAPÍTULO IV – FORMANDO E SELECIONANDO LÍDERES

“Eu escuto e esqueço. Eu vejo e lembro. Eu faço e compreendo.”

Confúcio.

### 4.1 DESENVOLVENDO UM JOVEM PARTICIPANTE DO CISV ATRAVÉS DE MÓDULOS DE TREINAMENTO<sup>12</sup>

Conduzir um grupo de pessoas, transformando-as numa equipe que gera resultados é dado pela ação de liderar. Penso por liderança a habilidade de motivar e influenciar pessoas no formato que cada particularidade necessita para conquistar objetivos e organização<sup>13</sup>.

Desde 1951, o CISV oferece uma variedade de atividades locais, acampamentos internacionais, intercâmbios familiares e projetos baseados em comunidades que são conhecidos como ‘programas’ e são organizados todos os anos por voluntários para jovens e adultos em mais de 60 países. Os voluntários organizadores desses ‘programas’ são pessoas que já vivenciaram um treinamento alguma vez.

Particpei dos treinamentos iniciados em outubro de 2011, fui convidada e participei de tudo o que o Comitê de Desenvolvimento de Liderança e Treinamento em Brasília desenvolveu e depois de selecionada para ser líder do primeiro Village, participei do Treinamento Nacional que busca ser mais aprofundado. De modo geral, em cada região há um formato próprio de desenvolver esses treinamentos. Em Brasília, onde fui treinada, em um dia escolhido do final de semana, era trabalhado um ou dois módulos de treinamento. Mas há *chapter's* que utiliza de um final de semana inteiro para treinar todos módulos. Isso varia pelo tamanho do grupo a ser treinado, quem treina, o lugar onde se realizam esses treinamentos e a urgência ou não de seleção de líderes.

O *chapter* de Brasília não tem um espaço único e específico em que são realizadas todas as reuniões e atividades do CISV. São abertas as casas, salões de festas, são alugadas grandes chácaras para eventos bem maiores, no intuito de trabalhar todos os eventos que a ONG promove. Espaço de conhecer e interagir com os voluntários do CISV e todas as

<sup>12</sup> Capítulo baseado nos documentos de Módulo de Treinamento de Líderes, do *Local Leadership Trainer's Handbook - 2011*, do *Village Training Curriculum – January 2013* e do *Train The Trainer Curriculum – 2011*.

<sup>12</sup> Todos os documentos são derivados dos arquivos de treinamento, cedidos gentilmente por Nathália Mundim e desenvolvidos através de teses de Kiran Higorani autor de estudos internacionais sobre o Sistema Educacional para Modificação em Qualidade de Treinamento do CISV.

<sup>13</sup> Significado de liderança em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lideran%C3%A7a>.

atividades promovidas por eles. A organização tem um endereço específico para coisas mais burocráticas, como envio e recebimento de documentos importantes entre toda a comunidade nacional e internacional.

## **4.2 O PRIMEIRO MÓDULO, O PRIMEIRO PASSO.**

O primeiro módulo em que participei consistiu em ter contato com informações cruciais que desenvolve um primeiro momento de compreensão dos princípios “cisvianos”. As ferramentas utilizadas foram o “Passaporte – ‘Educação para a Paz’ e Cidadãos Participativos” e as experiências contadas por aqueles voluntários que atualmente treinam os outros jovens a liderar uma delegação. Cada dia um módulo, cada módulo diversos tópicos a serem abordados, cada abordagem uma história vivenciada para ilustrar, e/ou uma atividade realizada para experimentar exposições de ideias das mais simples às mais criativas que se encontram com os objetivos que o CISV busca desenvolver em sua comunidade já contadas no primeiro capítulo dessa monografia.

O primeiro módulo do treinamento busca dar conhecimento aos interessados sobre a história, filosofia e temática “cisviana” de “Educação para a Paz” e como ela vem sendo trabalhada com as diferentes faixas etárias e os respectivos programas da organização. É dada a ideia geral de cada um dos programas e a estrutura de cada um deles (número de participantes, tempo em que acontecem e as formas que obedecem). Os propósitos educacionais, o método de aprendizado e a educação experiencial.

Com tudo isso, fomos convidados a participar de atividades que desenvolvem aprofundamento dessas relações entre conhecer propósitos e formatos que os programas abordam. Na verdade, a cada módulo são utilizadas até duas atividades que dão meios de entender o que tá em jogo nessas relações. É o conhecido “*learn by doing*”, método educacional que os programas do CISV utilizam para desenvolver conhecimento, consciência, tomada de decisões e soluções de problemas através de experiências. Essas atividades ou momentos são vivenciados nos acampamentos, portanto serão tratados no capítulo em que desenvolvo as reações das crianças frente a essas experiências e o que cada uma delas aprende sobre o que vivenciaram.

Em um primeiro momento, antes mesmo de conversar sobre CISV experiências e programas, foi realizada uma atividade conduzida por Renata do Comitê de Treinamento. Ela tinha um pote de balas de goma, tipo jujuba, nas mãos e simplesmente pediu que pegássemos

nesse pote o tanto de jujubas que gostávamos de comer. E somente algumas pessoas pegaram uma ou duas, outras, como eu, pegaram 5 ou mais. Depois que todo mundo pegou, ela simplesmente pediu que essas jujubas, cada uma delas, fosse algo que cada umalaria de si mesmo e colocaria na boca. Então o primeiro começou falando uma informação sua e colocando a primeira jujuba na boca, depois a segunda informação e a segunda bala na boca e assim por diante. E somente engoliria depois de dar cada informação de si, a cada jujuba que tinha na mão.

Conhecido com um dos “*name-games*” dos acampamentos, vivenciamos uma atividade de apresentação mais atrativa, cada um de nós foi desafiado à criatividade de, ou a falar só uma ou duas informações de si, ou um conjunto delas com a boca cheia de balas de goma. Essa atividade é uma das escolhidas por líderes para desafiar as crianças ou jovens no início do acampamento a um formato divertido, criativo e um pouco mais desafiador de se apresentar, além do nome e lugar de origem, pois, afinal, não são poucas as que enchem a mão de jujubas sem saber o que as esperam e quanto mais conhecimento podemos ter “do outro”, melhor.

Como já abordei também, todos os que estão participando desse treinamento estão por se sentirem atraídos pela oportunidade de vivenciar um convívio com pessoas de outras tradições, vida, idioma, de diversos lugares do mundo, porém no lugar de auxílio às crianças e jovens a viverem a mesma oportunidade. Para isso se apoiar nos Princípios Educacionais do CISV, que também nos são mostrados nesse módulo de treinamento, ajuda-nos a pensar sobre promoção de inclusão, justiça social, resolução pacífica de conflitos e desenvolvimento sustentável e, a desenvolver a compreensão da forma como cada um pode agir em favor de ações mais justas e humanas:

- Apreciando as semelhanças entre as pessoas e valorizando as suas diferenças;
- Apoiando a justiça social e a igualdade de oportunidade para todos;
- Encorajando a resolução de conflitos através de meios pacíficos;
- Apoiando a criação de soluções sustentáveis para problemas relativos ao impacto uns dos outros e o meio ambiente;

Dessa forma, desenvolver isso requer outra ferramenta que nos foi apresentada nesse módulo. O ASK (Atitudes, Habilidades e Conhecimentos)<sup>14</sup>. É uma ferramenta central

---

<sup>14</sup> A sigla A-S-K é derivada do inglês e significa *Attitudes, Skills and Knowlogde*.

utilizada para todos os tipos de ações tomadas. Tudo requer pensar em Atitudes, em treinar habilidade e ter conhecimento, requer também vivenciar e observar isso a todo o momento em si e nos seus liderados.

É necessário pensar em quais são essas atitudes, se elas estão exigindo habilidade e, se sim, como e com que intensidade elas acontecem e, por último, quais são os conhecimentos desenvolvidos e demonstrados, dentre os objetivos que cada programa propõe.

O que são e como é observado o ASK em si e nas crianças, ou jovens que são liderados?

- 1) A Atitude é a forma como se pensa e se comporta, tendo abertura a novos hábitos e opiniões, sendo flexível, incluindo pessoas diversas e assumindo responsabilidades por ações e decisões próprias, somos pessoas tomadas de atitudes;
- 2) Habilidade para comunicação, liderança, autoconhecimento e resolução criativa de problemas, somos pessoas desenvolvendo habilidades;
- 3) Conhecimentos são informações que são adquiridas através do aprendizado e da experiência própria ou a do outro compreendido, a partir de dinâmicas populacionais, problemas das comunidades, fatos geográficos, históricos e questões ambientais de cada lugar demonstra que temos ou adquirimos conhecimentos.

Com essa combinação de Atitudes, Habilidades e Conhecimentos, como o núcleo das abordagens e objetivos educacionais do CISV, passo para o entendimento do Conteúdo Educacional em que a organização se baseia em quatro principais áreas que determinam a “Educação para Paz” nos programas “cisvianos”:

- **Diversidade:** Explora a identidade do indivíduo e nos leva a questionar a postura própria e a dos demais dentro de cada comunidade em particular e na comunidade global também;
- **Direitos Humanos:** Considera como os direitos humanos afetam em cada aspecto da vida dos indivíduos e como a violação desses se encontram na raiz de problemas como a pobreza, a violência e a ilegalidade;



- Conflitos e Resoluções: Dá entendimento de como os conflitos podem surgir deliberadamente ou de outras formas e o que pode ser feito para alcançar uma resolução pacífica;
- Desenvolvimento Sustentável: Busca métodos integrados para a promoção do bem-estar social e econômico, enquanto protege o meio ambiente através da consciência de uso responsável dos recursos naturais.

Cada um desses conteúdos é conduzido pelo líder. As formas de como as crianças reagem, o que discutem e o que entendem sobre cada um dos temas é diversificado. Não posso generalizar aqui que brincadeiras são feitas para crianças e discussões mais aprofundadas por adultos, para abordar o conhecimento desses conteúdos. Há crianças que não entendem nada do que está acontecendo quando são desafiadas por atividades, mas conseguem compreender 100% durante um bom debate entre outras crianças. Como há jovens e adultos que conseguem entender tudo e um pouco mais só vivenciando uma atividade.

O que diferencia são as falas, as reações, as interconexões com o que os participantes vivenciam dentro do CISV e fora dele. Por isso ao líder cabe ser treinado para provocar, observar a reação e saber, por fim, se alcançado o objetivo foi em certo programa. Os espaços em que são necessários líderes e *Staff's* são lugares que precisam de pessoas para dar estrutura ao acampamento e não para que suas falas sejam o fim último dos debates. É necessário dar somente uma vara, deixar que as crianças e os jovens pesquem e esperar que eles retornem com o peixe ou que retornem com uma outra maneira de pescar. Cada um chega a algum lugar. Ninguém fica sem percepção alguma. Mesmo que não cheguem a um dado objetivo, mas é esperado que se chegue em algum lugar. Os objetivos existentes foram criados através de alguém que pensou em mais alguma coisa sobre como poderíamos ter um “mundo melhor”. O CISV busca esse norte, mas não quer dizer que a última coisa a ser compreendida seja seus propósitos educacionais, e sim esses e/ou novas formulações.

O primeiro módulo é extenso para refletir porque é o primeiro passo para chegar à posição de líder. É preciso entender e saber explicar o processo de conduzir um grupo às intermediações do lugar onde se executa essa posição. O aprofundamento e a permeabilidade do conhecimento acontecem pela gradação do que é aprendido e vivenciado através da oportunidade das experiências, atividades e programas que participam. Porém é necessária a base para esse primeiro passo, em conhecer o lugar onde estão, quais são os objetivos e se isso



atrai a cada um de modo particular. Só dão continuidade os atraídos por tudo isso como um trabalho voluntário, obviamente, ninguém é obrigado a participar.

No primeiro módulo desse treinamento é mostrado que a partir desse conteúdo educacional cada programa tem um tema único que pode se concentrar em uma, duas ou mais áreas desse conteúdo. Esses temas são úteis por fazerem essa conexão aos objetivos de cada programa e podem ser levadas em consideração também:

- O local e as suas características
- Idade dos participantes
- Duração do programa
- Campanhas nacionais ou internacionais
- Questões ou problemas locais
- Eventos mundiais
- Tamanho do grupo
- Organizações parceiras
- Disponibilidade de recursos
- Custos
- Dinâmica de grupo
- Relevância para o grupo
- Complexidade da questão

Atividade é um ato de realizar uma ação, geralmente planejada ou sugerida. Os programas do CISV sugerem desenvolvê-las para aprender algo através de determinadas ações que são chamadas de atividades. Ao líder é dado papel de atuar e conduzir uma atividade e aos liderados, o papel de executar como puderam entender. As atividades são os meios, cada aprendizado é dado pela forma em que se vive tal experiência. Isso é conhecido no CISV por *“learn by doing”* e é o que a ONG acredita ser um meio de aprendizado eficiente através de um processo divertido e criativo. É interessante pensar nessa ideia através de quatro passos:

- *Fazendo* uma atividade de “Educação para a Paz”;

- *Refletindo* sobre quais os ASK foram desenvolvidos de forma particular em determinada atividade;
- *Generalizando* como este novo aprendizado pode ser aplicado em diferentes contextos;
- *Aplicando* seus ASK em ações concretas.

Como mencionado anteriormente, até mesmo nos módulos de treinamento, vivenciamos essas atividades que buscam nos ensinar o objetivo de aplicar realidade e conhecimento na ação experimentada como também saber executar a mesma atividade da mesma forma ou de uma forma mais criativa, onde direciona crianças e jovens aos mesmos objetivos que vivenciar a experiência direta pode levar. Ensinar-nos a conhecer quais materiais são utilizados em dada atividade, quais as formas de condução, que facilite a explicação, o que será necessário detalhar e o que pode deixar nas mãos de cada um a decisão do que fazer.

Em certo momento da experiência do módulo, há quem se pergunte se ele de fato atinge a todos, ou pelo menos, boa parte dos que vivenciam esses programas. Bom, é para dúvidas como essas que até mesmo a ONG gostaria de saber como estão sendo vivenciados esses programas e quais são os modos de reação do grupo que está sendo mais evidenciados. Até mesmo os casos mais particulares passam a ser conhecidos e trabalhados. Pode ser a primeira vez que algo acontece, mas não a última, então, como reagir, o que aplicar e como solucionar?

Como uma organização educacional, é importante que haja meios para:

- Monitorar a qualidade dos programas pensando em todos os participantes;
- Melhorar o que é feito ano após ano;
- Compartilhar o que cada um executa bem;
- Mostrar quão bem (ou não) os participantes e os programas desenvolve e alcança os objetivos organizacionais.

Uma avaliação educacional é aplicada nessa organização. Seus padrões de qualidade são aplicados em todos os programas, eles são determinados por:

- Objetivos desenvolvidos através dos Princípios educacionais;

- Princípios e abordagens educacionais para o alcance desses objetivos;
- Educação para Paz para alcance dos mesmos objetivos;
- Avaliações para planejar, monitorar e avaliar seu sucesso.

E, por último, mas não menos importante, nesse primeiro módulo é preciso entender as posições de lideranças e o que preenchem os seus seguintes pré requisitos:

#### 1) Idade Mínima

- Líder ou *Staff* de Programa Nacional – a partir dos 18 anos;
- Líder ou *Staff* de Programa Internacional – a partir dos 21 anos;
- *JC (Junior Consellour)* em Programas Nacionais ou Internacionais: 16- 17 anos;
- Líder Júnior: a partir dos 18 anos.

#### 2) Fluência em inglês para programas internacionais.

#### 3) Participação nos módulos de treinamento local e no Treinamento Nacional de Líderes e *Staff*.

Todos os módulos a seguir, tal como esse, auxilia o líder a conduzir o grupo de liderados a vivenciar suas experiências, cada um em seu formato particular. Os outros módulos participam os interessados e os que preenchem os requisitos básicos. A partir desse momento são desenvolvidas informações mais aprofundadas de casos em programas e de exemplos de tomada de decisões aplicadas ao dia-a-dia de quem participa do acampamento como líder.

### **4.3 A IMPORTÂNCIA DOS DEMAIS MÓDULOS SEGUINTE**

O módulo 2 vai traçar o “Específico de Programas”, dando conhecimento mais aprofundado de cada um dos acampamentos, debatendo a conexão com a idade dos participantes; a estrutura, a rotina e as reuniões que acontecem em cada um dos acampamentos; o papel dos participantes envolvidos, os objetivos educacionais de cada programa, suas fases (antes, durante e depois); o manejo da saudade de casa ou da super

excitação e do relacionamento do líder com delegação e pais; o planejamento financeiro dos gastos de cada participante, conduzindo os liderados a administrar o dinheiro da delegação e comprovar esses gastos.

No módulo 3, o tema desenvolvido é sobre a questão “Saúde”. Como a preservação da saúde mental e física dos integrantes é trabalhada no CISV; Medidas preventivas e cuidados a serem tomados quando são vivenciadas situações adversas e com estado físico dos participantes.

Primeiramente, é importante ter a ideia da noção “saúde” como bem-estar do integrante e não como algo oposto à doença: nem sempre o participante pode estar doente, mas vivencia em dada situação algo que o leva a se sentir mal, triste ou desanimado. É necessário analisar esses aspectos que podem ser trabalhados dentro do próprio programa. Nem sempre o problema de fato é uma doença. Soluções de enfermidade somente são tratadas com especialistas.

Incidentes frequentes em cada programa e medidas possíveis sejam preventivas ou curativas também me foram orientadas nesse módulo. Em todos os programas são pensados em medidas preventivas para evitar acidentes, mesmo assim eles acontecem de outros modos e quando acontece, é necessário o líder e o *staff* ter uma posição de manejo do estresse no espaço de correção, por pior que seja o problema, estabilizar as emoções é decisório para uma tomada de decisão eficiente.

Fui conduzida a pensar que prevenção, inclusive, pode ser uma boa conversa com cada responsável dessas crianças ou jovens para conhecer quais são as condições físicas e mentais em que eles demonstram no dia a dia deles antes de viajar. Busquei fazer isso na minha segunda experiência como líder, após entender a importância na primeira. Pode ser primordial saber um pouco a mais dessa situação diária, como também de situações de viagens longas, de momentos fora de casa, entre outros, à forma como eles reagem. Para que eu pudesse ter uma noção até onde poderia trabalhar em uma situação adversa e, onde seriam necessários intermediários do *chapter*, do responsável ou de especialistas para solucionar um problema.

Existe também um documento essencial de cada um dos participantes a ser preenchido de forma completa e coerente, conhecido como Ficha de Saúde ou *Health Form*. Com essa ficha, antes mesmo dos programas começarem, já dá para ficar preparado com situações particulares adversas, que já são vivenciadas pelos participantes e como o líder, tutor de crianças ou jovens precisa proceder. Na ficha é informado o histórico de doenças, vacinas, reações alérgicas, medicação diária utilizada, entre outros.

Também tivemos um espaço no módulo para uma orientação de “Primeiros Socorros” prático de salvamento, demonstrado por uma médica convidada a nos conduzir da melhor maneira os primeiros momentos de uma emergência até à condução ao hospital.

O encontro do módulo 4 abordou a noção de individualidade, de respeito às diferenças e de formação de grupos polivalentes e heterogêneos. Como trabalhar para potencializar as qualidades de cada um dentro do grupo, a inclusão de todos os membros, a busca pelo consenso e a resolução pacífica de conflitos.

É necessário refletir sobre ser indivíduo e ser indivíduo no grupo nas fases de formação do mesmo, onde os indivíduos estão buscando seus lugares no convívio social quase que intenso. É nos orientado a respeitar as diversidades nesse espaço onde, paralelamente também há recíproca de identificação positiva entre os membros. Algumas ocorrências de fenômenos de exclusão e conflitos entre os participantes são citadas e a forma como lidar com eles também. Além disso, pode haver também a identificação de grupos heterogêneos demais, em polivalência, idades, papéis e tarefas, portanto são debatidas as formas de chegar a um consenso e de potencializar as qualidades frente a essas diferenças.

No módulo 5, são apresentadas “Tomadas de Decisões e Conflitos”, que acontecem por meio de posicionamentos que são decididos pelos integrantes do acampamento, em suas diversidades. São apresentadas ferramentas a serem utilizadas para antecipar e minimizar possíveis conflitos devido às divergências de opiniões e pontos de vista e como é dado o trabalho à manutenção da uniformidade do grupo, no qual as decisões sejam válidas e autênticas entre os liderados.

Para isso, são pensadas as possíveis causas dos conflitos para que se haja noção de como trabalhá-las. O foco também se direciona à resolução pacífica de conflito entre os integrantes através do respeito às diferenças, do desenvolvimento da empatia e, da importância de um *feedback*.

Tomar decisões exige que o líder esteja conectado ao seu papel de conduzir seus liderados. Desconectar dessa posição para vivenciar a das crianças, ou dos Staff's, por exemplo, pode gerar conflitos desagradáveis, além da frustração de estar em um papel que não é aquilo que consegue realizar bem uma pessoa. Portanto, também, não será aquilo que irá compartilhar como boa experiência. Esse é o ponto de conflito interno do líder que algumas vezes acontece. Fora dele, há o conflito que adquire com os outros, mas que pode ser solucionado ao longo do acampamento, é claro, se o mesmo líder tomar consciência de seus atos.

O líder busca pensar de forma individual e coletiva as formas que podem conduzir uma tomada de decisão através de foco e assertividade em discussões e buscando ser o facilitador para determinado objetivo. Para isso, são pensadas as necessidades do grupo em conflito em primeiro lugar. Em segundo, é necessário agir sob algumas etapas que solucione ou facilite o entendimento das necessidades daquele momento e do foco nos objetivos do programa, pode ser essencial na efetividade da solução.

No módulo 6, o debate está no espaço de “Comunicação”, no qual são mostrados o lado do emissor e do receptor da mensagem, na interpretação e na busca do estabelecimento de uma melhor comunicação. Portanto, buscamos algumas técnicas e ferramentas de comunicação para minimizar possíveis preconceitos e erradas interpretações com o objetivo de torná-la mais assertivas em um espaço de muitas diversidades.

Refletimos sobre comunicações verbais, não verbais e corporais. A importância de perceber, entre o emissor e receptor, a mensagem veiculada, e verificá-la. Os *brainstorms* (“ideias geniais”) e a forma que se pode comunicar e executar. A relevância dos *meetings* (encontros) entre os líderes para dar ideias e facilitar algumas questões em campo e a ação do *feedback* nesse espaço: sua importância, por quê, como, quando e como receber.

No módulo 7, é discutido o que é gerenciamento de risco (*Risk Management*), quais os procedimentos que devem ser adotados em caso de uma situação de crise dentro do acampamento ou com participante específico, a quem recorrer, os documentos e regras internacionais que devem ser passados e a segurança dos líderes da organização. Os incidentes são desde a ida da criança ao hospital devido a um ferimento leve, até em situações mais críticas de sua integridade física e emocional. O documento formal que o líder comunica um acontecido mais grave no acampamento é o *Incident Report Form*. A comunicação com o *chapter*; o procedimento com a entrada do seguro do CISV e os formulários pessoais da criança ou do adolescente preenchidos completamente também são medidas tomadas nesses incidentes.

Além desses, há os casos baseados nos guias e nas Regras de Comportamento e Sensibilidade Cultural, anexadas no Caderno de Documentos e Fotos, dessa monografia. A regra, por exemplo, ilustra questões problemáticas a serem abordadas e trabalhadas com todos os participantes, líderes e liderados antes de irem aos programas. Aquilo que é expressamente proibido de acontecer em programas e algumas recomendações extremamente importantes.

No Módulo 8, são abordadas as “*Age Characteristics*” (Características das idades) no qual imergimos em nossas lembranças infantis e de adolescentes no intuito de descobrir as

potencialidades de um líder que trabalha com um grupo e suas determinadas faixas etárias, no qual passam a compreender a lidar com os jovens pelos quais serão responsáveis, assim poderão prever situações e participar de forma ativa e proativa contribuindo para o amadurecimento dos participantes.

Nesse espaço, é discutida a linguagem, os interesses da idade, em aspectos cognitivos e emocionais, a sexualidade como tema e conectado as Regras de Comportamento e Sensibilidade Cultural, o relacionamento com os pares, com os familiares, ainda responsáveis por essas crianças e jovens, as diferentes atuações do líder nas diferentes idades e quais são as formas de relacionar encadeamento de programa e suas faixas etárias.

No módulo 9, o tema é dado pela “Consciência Cultural”, que busca abordar e aprofundar nos participantes a percepção sensível do “eu e do outro,” inclusive do “outro e de suas tradições”. Aprender a lidar com o delicado limite do desrespeito que pode vir acontecer entre a estrutura tradicional e/ou particular do outro e a de si nas relações indivíduo-indivíduo e grupo.

O debate também discorreu sobre as pessoas que participam demais e as que simplesmente se excluem de tudo e, quais as formas que poderíamos trabalhar com esses integrantes. A exclusão pode ser uma falta de sensibilidade cultural. É necessário refletir e buscar conhecer melhor o limite das diferenças de cada pessoa e de suas tradições, nas atividades, nos comportamentos, até mesmo na sexualidade e o peso disso para os dois lados.

No módulo10, é trabalhada a “liderança” e suas próprias características. Nessa abordagem o jovem que busca ser líder, precisa entender e conhecer seus pontos fortes e fracos e apostar neles, refletindo sobre como pode vivenciar o relacionamento com os outros do acampamento, a partir de uma liderança efetiva e assertiva.

São discutidos nesse módulo, os estilos de liderança, as características da idade de cada líder, os pontos de assertividade, flexibilidade, adaptabilidade, respeito e otimismo. Os diferentes papéis do líder, percebendo-se em linguagem corporal e observação de si e de outros, a confiança, o delegar e o negociar com os demais. O compromisso de ser um líder voluntário e os limites próprios, o dos outros e a empatia que consiste em compreender obtendo o controle da situação, resolvendo assim, pacificamente os conflitos que por vezes são gerados.

Nessa mesma oportunidade, também nos foram dadas fichas para preenchermos nossos dados e interesses pessoais dentro do CISV e do currículo dos programas, além dos nossos requisitos.

No módulo 11, o tema é o aprofundamento das técnicas de facilitação como ferramenta de trabalho e educação dentro do CISV. A facilitação deve ser inteiramente dominada pelos líderes e educadores. As diferentes formas de facilitação e interação são abordadas, através de algumas técnicas, com o objetivo de obter o melhor resultado do grupo. É na observação e na percepção dos problemas que são desenvolvidas as necessidades de intervenção. O gerenciamento do tempo também é um aspecto de reflexão percebido por nós líderes como uma ótica fundamental. Delongar uma questão, ou deixar sua problemática tomar muitos dias em um acampamento são erros de que precisa treinar mais o instrumento de facilitação entre pessoas e grupos. Portanto, é importante facilitar todas as situações no acampamento tornando-as eficazes.

Por fim, o módulo 12 tem o intuito de ensinar o planejamento de uma atividade que seja ao mesmo tempo interessante e compatível com os princípios educacionais do CISV em cada programa específico. São trabalhadas desde a adequação educacional da atividade, até questões práticas como a logística, material, entre outros. Dessa forma, devem ser pensados quem é o público que vai participar dessa atividade. O que os participantes podem aprender com essas atividades, a consideração do tema do acampamento e o tempo em que ele está ocorrendo para poder selecionar uma atividade, o planejamento logístico, em que é necessário saber e comunicar quando será ao longo do dia, onde e em quanto tempo. O número de líderes que podem auxiliar, os materiais necessários, a necessidade ou não divulgação de convites e dinheiro, por exemplo.

O planejamento das atividades deve trazer o ASK (No Brasil, CHA - Conhecimentos, Habilidades e Atitudes) auxiliando o desenvolvimento das atividades e os Princípios Educacionais em que o CISV é baseado. A execução das Atitudes, Habilidades e Conhecimentos conectados a esses princípios desenvolve a forma de lidar com o gerenciamento de tempo e risco; determinam uma reflexão e um debate dos participantes nas atividades, uma avaliação efetiva de cada uma delas, como também a necessidade de avaliar cada um dos jovens através de como participam e reagem por meio da avaliação PDPF<sup>15</sup>.

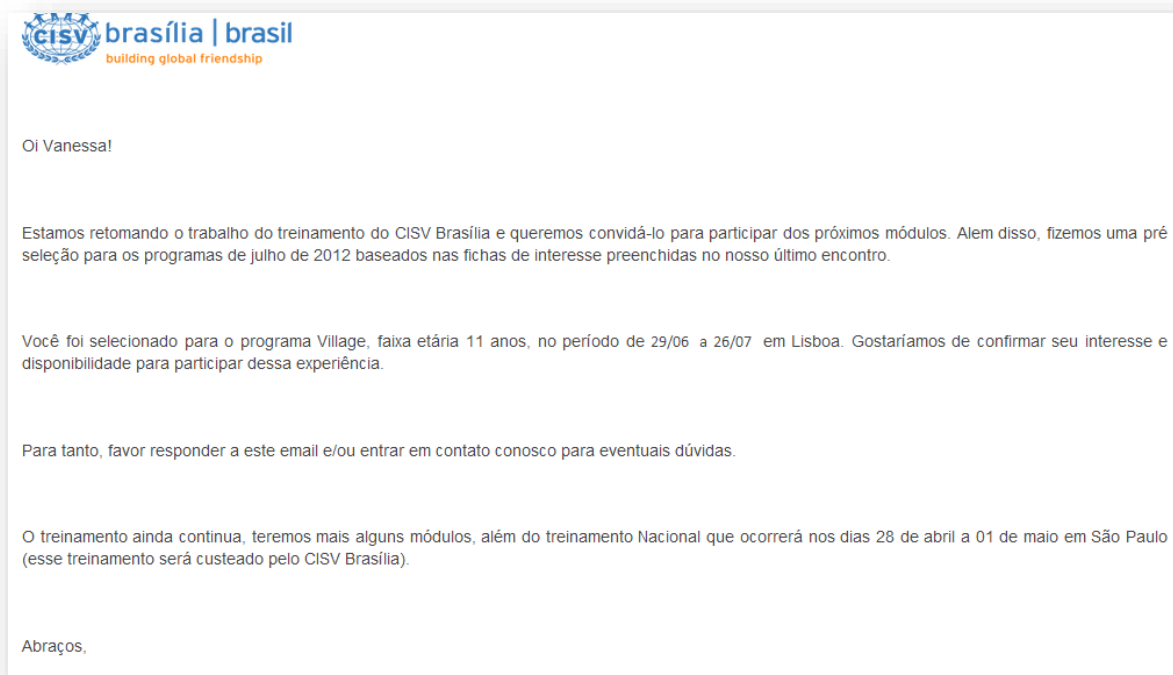
#### **4.4 A VIVÊNCIA DA SELEÇÃO E DO TREINAMENTO NACIONAL**

---

<sup>15</sup> *Programme Director's Planning and Evaluation Form*: Formato de avaliação da participação de cada uma das crianças no acampamento.



Figura 35 – E-mail da seleção, recebido em fevereiro de 2012 e o convite aos próximos módulos de treinamento. Inclusive o Nacional.



Fonte: E-mail particular.

Recebi o e-mail acima com muita empolgação. Esperava participar exatamente do Village e, a partir do ano de 2012, no qual eu poderia iniciar um contato de conhecimento com um campo da infância e ter os outros anos subsequentes para eu aprofundar meus interesses nesse meio ou procurar um outro lugar onde eu pudesse dar continuidade ao meu contato com a infância agora de forma mais reflexiva sobre suas ações.

A partir daí eu finalizei todos os módulos que escrevi ao longo desse capítulo, no *chapter* de Brasília. Conheci nos primeiros dias de março, três das quatro crianças que seriam minhas lideradas: Malu, Patrícia, e João<sup>16</sup> e, fui ao Treinamento Nacional para finalizar o primeiro contato com todo o treinamento para ser líder.

Uma vez ao ano, acontece o Treinamento Nacional na comunidade CISV em algum lugar do país em que vivenciamos em um final de semana (sexta, sábado e domingo), uma espécie de prévia do acampamento.

<sup>16</sup> O nome de todas as crianças foram preservados e substituídos por outros nomes.

O Treinamento Nacional é para isso mesmo. Participam dele novos e antigos integrantes na posição de liderança, seja para vivenciar essa primeira experiência, seja para reciclar algumas informações que são dadas com mais profundidade nessa oportunidade. Esse treinamento aconteceu na cidade de Campinas, em uma chácara com alojamentos e um grande salão para realização das refeições e atividades.

Além dos debates em que se conhecem outros pontos a liderar, essa experiência me trouxe o contato com um maior número de pessoas que já tiveram suas vivências em programas. Por exemplo, antes de iniciar as atividades, o grupo todo fazia uma roda e um que já estivesse no CISV há mais tempo, puxava um *Energizer* que conhecia e que fazia a galera dançar, pular, correr, cantar ou rir... Tudo para despertar o sono e iniciar as atividades de uma forma mais ativa, da mesma forma como é feito nos acampamentos. Além disso, o objetivo é mostrar aos novos líderes que ali estão as diferentes atividades que podem ser trabalhadas nos acampamentos que cada um vai participar.

Toda a experiência conta: somos como os participantes de um dos programas e quem nos está ensinando a liderar, nos lidera e conduz às atividades, às reflexões, aos momentos de escutar e de falar, entre outros. Dormimos em beliches, temos nossas horas de refeição, de descansar, de fazer amizades e de vivenciar trocas com grupos de diferentes lugares do país, da mesma forma que acontece em um acampamento. Lembro-me que na noite de sábado em que estávamos nos conhecendo e descontraindo depois de um dia todo de treinamento, havia um pessoal de Salvador ensinando os passos do “Arrocha do Poder”<sup>17</sup> para todo o grupo. Quem quis, foi no embalo de aprender e se divertir parte daquela noite com uma dança tradicional de lá.

Os módulos de treinamento nacional são aprofundados na oportunidade de vivenciar pela primeira vez qual é a ideia tão debatida nos treinamentos locais. Porém, nos treinamentos nacionais havia posições de *JC's*, Líderes e *Staff's* e, ao longo do dia, os módulos eram dados em grupos separados quando era necessário trabalhar particularidades de funções e programas, ou com todo o grupo quando poderia ser debatido algo que é trabalhado, geralmente, por toda a equipe no acampamento.

Por exemplo, foi unido numa noite só, para explicação e treinamento de como proceder com o Seguro Internacional do CISV em casos de incidentes com os participantes fora do país de origem, os jovens que seriam líderes de alguns programas, de módulo

---

<sup>17</sup> O arrocha é um ritmo musical surgido na cidade de Candeias, no Recôncavo Baiano. Que reinventou antigos ritmos da música brega, da seresta e do estilo romântico. Para saber mais leia “O que significa a música arrocha” no site Músicas Top 10.

internacional, que são necessárias à participação dos mesmos, enquanto no mesmo tempo e, em outros lugares da chácara, *Staff's* e *JC's* aprofundavam outras temáticas de responsabilidade de cada um deles.

Também foram trabalhadas, entre os líderes, as questões de “saúde de casa”, principalmente na criança participante e, na comunicação do líder com os pais durante o programa. À criança, era necessário conhecê-la para saber como abordar com ela o que está incomodando, lugar onde essa saudade surgiu, onde ela atrapalha o desenvolvimento dessa criança nos objetivos que ela veio buscar nesse acampamento, como também a ideia de que o objetivo do programa está sendo atrapalhado. Ao líder cabe o papel de ser facilitador e dar a criança mais e mais espaço de diversão, conhecimento e ocupação. A ideia de comunicação entre os pais e a criança ao longo do acampamento não procede. Em reuniões é debatida e concordada essa decisão. Após a vivência deste treinamento, utilizando dos conhecimentos que foram aprofundados foi mais fácil saber conduzir todas as crianças que liderei a participação efetiva em cada um dos *Villages*. Como eu poderia conduzi-las a vivenciar da melhor forma a experiência direta com tudo que ele oferecia, como eu também poderia fazer isso sendo desafiada todos os dias e como no pós- programa, essas crianças poderiam atuar em seu dia a dia.

Aqui vimos como o treinamento é feito, considerando a experiência prévia do CISV e dos próprios participantes que acolherão as crianças no acampamento. A metodologia adotada pela organização parece uma espécie de "corrente de transmissão". O que se ensina é que todos têm conhecimento (as jujubas) e que aprendemos quando nos damos conta de que os outros também produzem conhecimento. No próximo capítulo, o último desta monografia, observaremos as ações e reações das crianças a partir da condução desenvolvida pelo líder. Como também vivencia seu lugar de criança, seu papel ativo de constituir suas relações e de acolher e conceber conhecimento.

## CAPÍTULO V – CRIANÇAS NO ACAMPAMENTO<sup>18</sup>

“As ciências sociais dariam um passo importante no seu desenvolvimento se reconhecessem que são elas [as crianças], nos dias de hoje, os principais portadores de crítica social” (MARTINS, 1993)<sup>19</sup>.

O aprendizado mais eficiente se dá quando se tem interessantes experiências em primeira mão, dessa forma, a abordagem educacional do CISV tem como proposta a utilização de métodos experimentais para desenvolver competências entre diferentes culturas. Busquei o CISV para vivenciar isso junto às crianças que também tinham expectativas do que poderia ser esse momento em suas vidas. Importei-me em entender como isso acontece todos os anos em diversos lugares do mundo e o que tinha tudo isso a ver com antropologia e infância.

Conheci três oportunidades que me levaram a esse diferenciado espaço de contato com elas: Village Internacional em Coruche - Portugal, em julho de 2012; Village Internacional em Brasília, Brasil, em julho de 2013; Village Nacional em Vitória, Brasil, em janeiro de 2014. Respectivamente aos programas e às datas, assumi as posições de líder, de uma delegação do Brasil, de Staff e, por último, líder de uma delegação do Rio de Janeiro. Oportunidades essas que me deram espaços de proximidade com as diversidades das crianças nesses convívios e a interação delas com as propostas educacionais cisvianas.

No universo de dias com elas, vivenciamos experiências cada um ao seu modo de olhar, de ouvir, de participar, de entender e de aprender. A esse espaço dedico-me a contar quem são essas crianças e que momentos resultaram esses modos. Aqui eu busco inventar essas experiências: o que essas crianças são e como elas agiram na verdade, descritos por mim, naquilo que eu aprendi ouvindo-as, conhecendo-as, estando e inventando com elas. Invento a ordem cronológica, o espaço, as explicações teóricas como forma de não expor de modo indesejável as crianças e os adultos do acampamento.

O Village é esse espaço do CISV, dito anteriormente, em que suas propostas educacionais são direcionadas às crianças. Cada um desses três acampamentos em que estive vi uma série de momentos que proporcionavam aos autores sociais de minha pesquisa a utilização de suas próprias perspectivas, opiniões, conhecimentos, visões e sentidos. Era

---

<sup>18</sup> As experiências infantis são baseadas em inúmeras anotações de campo que fiz diariamente, dentro de todos os acampamentos em que estive.

<sup>19</sup> MARTINS, J. de S. O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

proposto a elas através do programa esse espaço de entendê-las sob o formato de serem atuante do seu papel ativo na constituição de relações sociais em que elas se engajam, não sendo passiva a incorporação de papéis e comportamentos sociais.

Antropólogas como Aracy Lopes da Silva e Angela Nunes defendem que onde quer que a criança esteja, entre adultos ou entre outras crianças, é necessário entender que ela é parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. Esse espaço de compreensão eu vivenciei com a experiência do dia a dia das crianças participantes do Village. Esse cenário diário de acampamento era especialmente diferente dos dias comuns dessas crianças.

Fora a hora de acordar, tomar café, estudar, almoçar, brincar e dormir, foi proposta a elas participar de certas atividades que as concederam experimentar um propósito educacional com base no contato e na amizade entre outras crianças semelhantes e diferentes culturalmente delas. No segundo degrau estava justamente esse propósito de guiar esse aprendizado através das atitudes positivas das diferentes civilizações compostas no acampamento, um interesse inicial pela cultura da paz que se desenvolveria por meio de uma comunidade inclusiva que se interagem ao longo desses dias mutuamente.

Os estudos da antropologia da infância me trouxeram à memória o comportamento, as atitudes e a definição dessas crianças em seus momentos de acampamento, portanto, aqui vou colocar um pouco da experiência de cada um desses programas e a imersão das crianças nele. Tudo que me trás, a regra das atividades, o caderno, as memórias, as expressões e os sentimentos.

## **5.1 VILLAGE INTERNACIONAL EM PORTUGAL – JULHO DE 2012**

Conheci João, Manu e Patrícia<sup>20</sup> no mês seguinte na minha seleção como líder da delegação brasileira que iria à Portugal. Foi com esses três que passei boa parte da preparação antes da ida até final de maio, quando apareceu Luana, a integrante que faltava para completar um grupo de quatro crianças ao acampamento. O Village busca sempre ter em acampamento o mesmo número de meninos e meninas. Interpelei essa questão até entender que a proposta é permitir a experiência de contato semelhante às diferenças culturais tanto entre meninos quanto entre meninas. Conseguindo perceber como reagem e vivenciam cada um desses diferentes gêneros no dia a dia dentro de suas tradições.

---

<sup>20</sup> O nome de todas as crianças, quando citados, foram preservados e substituídos por outros nomes.

Até ela aparecer, nossas reuniões eram mais para nos conhecermos, falarmos de datas, de expectativas, de como chegou a conhecer o CISV e o que elas queriam contar. Na oportunidade decidimos em ter contato com algumas atividades do Village em que podíamos brincar somente nesse grupo de quatro, e depois, de cinco pessoas. Já sabia que João era uma criança que já havia participado de um Village nacional em janeiro do mesmo ano:

João: Peraí, peraí, peraí... Não vai ter um energizer antes da gente fazer essa atividade não?

Eu: Boa!

Patrícia: O que é um *energizer*?

João: É tipo umas brincadeiras ‘loucas’ pra agitar antes de começar as atividades. Levanta aí que eu puxo um. Fica em roda. Faz tudo que eu fizer, a Vanessa me ajuda:

(Canção em inglês)

João: 1, 2, 3, 4

Grupo: 5, 6, 7, 8

João: Let me see your boogaloo<sup>21</sup> (Deixe-me ver seu boogaloo)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

João: Let me see your boogaloo (Deixe-me ver seu boogaloo)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

Everyone: Boogaloo, boo boogaloo (uh)! Boogaloo, boo boo galoo, (uh)!

(Vão até o centro da roda fazendo um gesto de dança com o corpo e os braços flexionados e voltam cantando e fazendo a mesma dança).

João: 1, 2, 3, 4

Grupo: 5, 6, 7, 8

João: Let me see your Queen Elizabeth (Deixe-me ver sua “Rainha Elizabeth)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

João: Let me see your Queen Elizabeth (Deixe-me ver sua “Rainha Elizabeth)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

Everyone: Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)! Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)!

Boogaloo, boo boogaloo (uh)! Boogaloo, boo boo galoo, (uh)!

(Vão até o centro da roda fazendo o gesto de cumprimento da rainha e voltam ao lugar cantando fazendo do mesmo jeito. Voltam ao centro repetindo “boogaloo”).

João: 1, 2, 3, 4

---

<sup>21</sup> Boogaloo é um estilo de dança, jogos de movimentos, do final dos anos 70 desenvolvido por Boogaloo Sam participante do grupo “*The Electric Boogaloo*”. Disponível em: [http://truegroovy.blogspot.com.br/2009\\_07\\_06\\_archive.html](http://truegroovy.blogspot.com.br/2009_07_06_archive.html). Visualizada pela última vez em 01 de julho de 2014.

Grupo: 5, 6, 7, 8

João: Let me see your shoot the moon (Deixe-me ver seu “tiro a lua”)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

João: Let me see your shoot the moon (Deixe-me ver seu “tiro a lua”)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

Everyone: Shoot the moon, shoo... shoot the moon (Pow)! Soot the moon, shoo...shoot the moon (pow!)

Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)! Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)!

Boogaloo, boo boogaloo (uh)! Boogaloo, boo boo galoo, (uh)!

(Vão até o centro da roda com os braços como se tivesse atirando na lua e voltam. Voltam ao centro repetindo “Queen Elizabeth” e “Boogaloo”)

João: 1, 2, 3, 4

Grupo: 5, 6, 7, 8

João: Let me see your Funky Chicken (Deixe-me ver sua galinha descolada)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

João: Let me see your Funky Chicken (Deixe-me ver sua galinha descolada)

Grupo: What's that you say? (O que disse?)

Everyone: Funk chicken, fun...funky chicken (Cócó)! Funck chicken, fun...funky chicken (Cócó)!

Shoot the moon, shoo.. shoot the moon (Pow)! Soot the moon, shoo...shoot the moon (pow!)

Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)! Queen Elizabeth, queen queen Elizabeth (tea)!

Boogaloo, boo boogaloo (uh)! Boogaloo, boo boo galoo, (uh)!

(Vão até o centro da roda imitando uma galinha muito engaçada, voltam aos seus lugares, fazendo o mesmo gesto. Vão ao centro e voltam repetindo os gestos de “Shoot the moon”, “Queen Elizabeth” e “Boogaloo”) <sup>22</sup>.

Luana chegou ao grupo faltando quase um mês para nossa ida a Portugal. Aproveitamos a chegada dela para passar um final de semana juntos. A oportunidade de estar próxima às crianças por alguns dias auxilia o líder a conhecer um pouco dos hábitos delas. Nas minhas observações eu percebi os atores mais comunicativos, os mais populares na escola e na quadra onde moram. Percebi os menos agitados porque não havia nenhum quieto. Isso era interessante porque ouvi muito sobre eles, seus amigos, o que pensavam e as opiniões sobre tudo. Nesse grupo em particular eles disputavam para falar e por vezes, duas crianças falavam ao mesmo tempo, eu escutava um enquanto o resto do grupo escutava o outro. Mais que isso, eu não sabia se conseguia.

---

<sup>22</sup> O energize *Boogaloo* encontra-se em <http://www.ijb.cisv.org/jbpedia/Boogaloo>. Visualizada pela última vez em 01 de julho de 2014.



Era interessante porque às vezes eu percebia que até davam ouvido uns aos outros, mas pelo menos um já tinha uma resposta automática para dar. Penso sobre o contexto sociocultural particular em que essas crianças produzem e transmitem conhecimento. Elas estão imersas num espaço de infra-estrutura escolar tecnológica, de dança, música, idiomas, livros, viagens, de participação em um organismo internacional e, quando falta conhecimento, elas possuem a internet no computador, no *notebook*, no *smartphone* ou no atual *tablet*. Como sugere Silva (2002), particularmente, meus interlocutores para investigação da infância estão sob esse meio social brasileiro.

No programa, cada líder torna-se líder de todo acampamento. Como se sabe o Village tem um modelo de desenvolvimento que é proposto que todas as crianças vivenciem acoplada a interação, as conversas, as atividades e os momentos é que dão uma ideia geral sobre como aconteceu no tal acampamento. Sobre o Village em Portugal refletirei os primeiros momentos mais marcantes na perspectiva de *Forming e Storming*<sup>23</sup>.

Após a chegada de todos no acampamento, a primeira atividade de interação aconteceu com o todo o grupo participante. *Staff's* de Portugal, *JC's* dos países de Israel, Itália, Noruega, Portugal e Estados Unidos, juntamente com as 11 delegações de países como Bélgica, Brasil, Dinamarca, Alemanha, Grã Bretanha, Israel, Coréia, México, Noruega, Portugal e Estados Unidos estavam reunidos para que pudessem se apresentar de forma criativa e animada a chegada de sua delegação no programa titulado “*Music Box Village 2012*”. Percebi que esse momento girava em torno da apresentação pessoal própria com algo característico do país de cada delegação, por exemplo: paródias do hino ou de uma famosa música local e peças de teatro em que eles contavam sobre aquilo que gostavam envolvendo as tradições do seu lugar de origem.

O *Village* conta com os dias iniciais do seu acampamento para que sejam desenvolvidos os primeiros contatos de amizade entre o grupo. Estamos em um espaço que tem mais de 60 pessoas. Percebi que entre as crianças e os adultos, o interessante é conhecer os outros e apresentar a si. Esse trabalho começa pelos nomes. A atividade *Blanket Game* (“jogo da coberta”) é uma das atividades que desafiam as crianças a memorizar os nomes, respondê-los rapidamente e cooperar para que seu time ganhe mais e mais pessoas do outro time, vencendo então o jogo. Dessa forma, o acampamento foi dividido em quatro grupos. Cada um dos grupos foi dividido em dois. No meio dos dois grupos era colocado por dois

---

<sup>23</sup> O *Forming* acontece nos primeiros dias de acampamento. É o primeiro momento de apresentação, entrosamento entre as crianças e que vão se conhecendo através de muitas atividades em que buscam expressar um pouco de si; O *Storming*, geralmente, acontece após a primeira semana do acampamento no encontro da segunda semana em que são vivenciadas pelas crianças as atividades de cooperação e trabalho de equipe.

líderes um cobertor que não dava visibilidade para os grupos verem um ao outro. Era escolhido pelo próprio grupo um representante que ficasse em frente ao cobertor para responder qual era o nome do outro representante que estava do outro lado da mesma coberta. Quando esse cobertor descia, quem falasse o nome do outro primeiro, ganhava essa pessoa no seu grupo. Como disse anteriormente, ganhava quem mais tinha representantes no grupo, portanto, quem memorizou mais nomes naquele primeiro momento de apresentação do acampamento.

Figura 36 – *Blanket Game*. Representante do grupo da direita acertou primeiro o nome do representante da esquerda.



Fonte e registro: Rita Correia

Outra atividade “*name-game*” com mais aprofundamento e diversão é conhecida por “Meu nome é... e eu gosto de...”<sup>24</sup>. Uma roda com todos os participantes sentados foi feita. O primeiro fulano ia ao meio da roda porque não tinha espaço pra ele sentar e gritava:

Fulano: “Meu nome é fulano e eu gosto de chocolate”.

<sup>24</sup> O nome original da atividade é “My name is and I like”. Tradução livre.

Todo mundo que gosta de chocolate saía correndo na procura de outro lugar da roda para ocupar. Não podia haver espaço entre uma pessoa e outra e se houvesse, as pessoas que estavam ao lado desse lugar tinham que tentar ocupá-lo deixando um número de pessoas de fora que não conseguissem sentar, até que sobrasse uma pessoa, fora da roda, o que não conseguiu nenhum lugar.

Ciclano: “Meu nome é ciclano e eu gosto de Harry Potter!”.

As pessoas que não gostavam do que era gritado, mantinham-se no mesmo lugar onde estavam, esperando o próximo ficar de fora.

Na segunda semana do acampamento, no qual já tínhamos atravessado o *Forming* do grupo, uma das coisas mais marcantes desse momento aconteceu enquanto estávamos todos no *Cleaning Group*, quando foi solicitado a todos os líderes a urgência de *Leader’s Meeting* para aquele momento. Os *JC’s* ficaram com o grupo das crianças para dar continuidade na condução dos grupos nesse momento de limpeza até que finalmente o grupo dos líderes se reuniu com os *Staff’s* que emitiam rostos de muita tensão, isso chamou a atenção dos líderes para silenciar e conseguir saber logo o que estava acontecendo, obtendo a atenção dos líderes, os quatro *Staff’s* gritaram com muito entusiasmo juntos:

*Staff’s*: “A Delegação de Senegal está a caminho!”.

Isso mesmo, por essa ninguém esperava. O acampamento foi marcado com a presença de 12 delegações. O líder e as quatro crianças de Senegal no último momento de sua vinda tiveram problemas para vir. A emissão dos vistos de todas as crianças simplesmente não ficaram prontas a tempo, além desse problema, uma das crianças que viria com eles enfrentou falecimento na família e desistiu de ir. Com isso, Senegal cancelou sua participação no “Music Box Village”. Quando a emissão dos vistos ficaram prontos, aquela empolgação de viajar e participar desse acampamento bateu forte nessas crianças. O líder e os pais organizaram novamente as passagens e a ida delas. Quando embarcaram, o *chapter* de Senegal informou ao de Portugal que prontamente informou aos *Staff’s* do acampamento que Senegal estava a caminho.

Assim, fizemos a mesma estratégia que dos *Staff’s* com as crianças, a notícia foi recebida com muita empolgação, cancelamos todas as atividades que tinham sido planejadas

para esse dia e montamos um dia de “Boas vindas” para a delegação de Senegal. Primeiramente, para a sua chegada, foi preparada um cartaz enorme com a palavra SENEAL feito pelas crianças, elas marcaram os próprios rostos pintando com tintas amarelo, vermelho e verde.

Figura 37 – Um momento que muito me emocionou: A chegada da Delegação de Senegal ao acampamento. As crianças cantaram duas, três vezes o Hino do CISV para recebê-los, após a segunda semana de acampamento.



Fonte e registro: Rita Correia.

Quando a delegação de Senegal chegou, as crianças conduziram o “CISV song”, levou seus novos amigos para um lanche e os que se voluntariaram conduziram algumas atividades de *name-game* de forma que os novos integrantes pudessem conhecer o grupo, vice e versa. Com essa experiência, as duas primeiras semanas do primeiro Village que participei ficaram entre atividades de equipe, cooperação e alguns outros *name-game*, para incluir na comunidade e conhecer mais as três novas crianças e o seu líder.

Segundo Ingold (2000) as crianças são dadas as condições de crescer, mas os responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento das crianças não são apenas os adultos. As

crianças são organismos e como tais são agentes da sua transformação, são os adultos que promovem o meio onde as crianças crescerão, mas eles não determinam seu crescimento. Os organismos, para Ingold (2000):

Figuram não como produtos passivos de um mecanismo – variações da seleção natural – que estão fora do tempo e da mudança, mas como agentes ativos e criativos, produtores, bem como produtos, de sua própria evolução.<sup>25</sup>

## 5.2 VILLAGE INTERNACIONAL EM BRASÍLIA – SER STAFF - JULHO DE 2013

Neste cenário, participei do grupo de *Staff's*, juntamente com Dora Facchina e Talita Mendes. Este programa recebeu as delegações do Brasil, Canadá, Costa Rica, Itália, Estados Unidos, El Salvador, México, Jordânia, Noruega, Alemanha e França. *JC's* da Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos e Jordânia. Ser *Staff* desse programa foi muito desafiador pra mim, pois aceitei o convite para poder vivenciar mais um *Village* em minha vida após a decisão de que esse seria o cenário de minha monografia em algum dos inúmeros aspectos que poderia ser abordado e tratado esse lugar e suas personagens.

Tivemos, eu, Dora e Talita, alguns problemas na estrutura do acampamento que foram sendo resolvidas com muito esforço ao longo de seu processo participativo, já que nosso sim foi dado quando estávamos eu e Dora durante as aulas na universidade e precisando estar fora quase que constantemente do acampamento exerci junto às outras funções, que era ser “Staff-médica”. Quando não estava ausente por causa das aulas, estava no hospital com alguma criança que se machucava ou ficava doente. Apesar de eu estar perto delas, nesses momentos eu precisava estar mais ligada aos procedimentos do hospital, como o fornecimento de suas identidades, nacionalidades, tradução ao médico de como estavam se sentindo e o que havia acontecido (por incrível que pareça os médicos do hospital, da rede particular que íamos, não entendiam ou não faziam questão de entender o que as crianças e os adultos falavam em inglês, eu intervia logo com a tradução). O importante era ser prático e urgente. Somente uma vez, na retirada de um curativo que ocorreu em um posto público de saúde que um enfermeiro ficou distraído com piadas em inglês uma criança, enquanto tirava os pontos do corte no joelho.

---

<sup>25</sup> Citação traduzida por Flávia Pires em *O que as crianças podem fazer pela antropologia?* (2000, p.145) ela cita INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

A minha aproximação nesse Village se deu mais com o grupo dos adultos. Somos o suporte dos líderes no país hospedeiro e coordenadoras do programa em geral. Consegui, mesmo que por algum tempo desses dias, ficar junto às crianças na percepção de suas ações e reações a tudo e no desenvolver de suas amizades e objetivos do programa que vou contar na experiência da perspectiva de *Norming e Performing*<sup>26</sup>.

Eu: Oi meninas, o que estão fazendo por aqui?

Deleganda mexicana<sup>27</sup>: Estamos falando sobre algumas coisas que gostamos, aprendendo entre a gente em cada um dos idiomas e, anotando no nosso diário, olha.

Deleganda alemã: Líder em norueguês?

Deleganda norueguesa: *leder*<sup>28</sup>.

Handicap Day é uma atividade de simulação que exige reflexão das crianças desde seu início até o fim. São escolhidas dentre todas as crianças do acampamento a atuação de alguma limitação física para vivenciar ao longo do dia. Elas vivem um dia de mudas, cegas, de gêmeas ou gêmeos siameses, sem braços e sem pernas e precisam passar o dia inteiro nessa condição.

Os líderes conduziram às crianças a atividades que pareciam “normais” para quem não tem nenhuma limitação em seu corpo: tomar café da manhã, limpar e organizar os locais do acampamento em que estavam os grupos, correr em uma atividade, desenhar, debater, almoçar, deitar, entre outras. Esse dia se tornou desafiador, como são todos os dias a quem é limitado a fazer todas as atividades “comuns” diárias, que só conseguem através de algumas alternativas. Para o êxito da atividade também tiveram o dever de pensar na personalidade de seus delegandos para a montagem da atividade, aqueles que falavam mais, os que interagiam menos, os mais influenciáveis, os mais tímidos, os que fizeram amigos de formas estratégicas para as crianças participarem mais ativamente dos desafios colocados.

Era interessantíssimo ver as crianças no início do dia brincando e parecendo se divertir com tudo isso e, ao final do mesmo, quem levou suas atuações a sério, cansadas, desgastadas

---

<sup>26</sup> Essencialmente o *Norming* e o *Performing* trazem com mais força, através das atividades, os objetivos do programa e do CISV. Nessa etapa, as crianças são auxiliadas a entender um pouco mais sobre os Direitos Humanos, desenvolvimento do meio ambiente, diversidade, discussões mais atuais do que acontece no mundo, tudo através, principalmente, de suas percepções.

<sup>27</sup> Cito o diálogo de algumas crianças pelo o seu país de origem para traçar o diálogo entre as diferenças e não preservar seus nomes.

<sup>28</sup> Pressuponho que a pergunta foi porque na hora estava no quarto. Cada uma, dentro desse grupo de cinco crianças, mexicana, costa riquenha, norueguesa, canadense e brasileira tinha o seu caderno com um bom número de palavras. Tradução livre.



e até chateadas com algumas situações, ficamos a observar esse dia. Para o mudo foi desafiador no início conseguir comunicar o que queria, usou de mímica, desenho, até pensar em um caderninho para escrever aquilo que precisava naquele momento. Havia instantes que até desistiam e se recuavam um pouco. Lembro-me que o maior desafio foi numa atividade em que eles deram as mãos e se embaralharam com as mãos ainda atadas. Precisaram pensar em uma alternativa de ir se soltando até o grupo formar uma roda novamente. Quem não tinha braços, nem pernas já ficou de fora assistindo o desafio de quem não falava e de quem não via. Cabia aos gêmeos, por exemplo, conduzir o cego na fala e na ação. O cego falava somente para confirmar se estava certo, o mudo também auxiliava ao cego e aos siameses a se locomoverem para onde não podiam, utilizava de gestos sutis para comandar, já que também não podiam soltar as mãos. A atividade durou quase uma hora, ou seja, 53 minutos para ser mais exato. Desafiador para quem participou e para quem ficou debaixo de um tédio sem poder participar.

Nas refeições, os obstáculos também foram notáveis, os siameses conduziam aos cegos as refeições que havia na mesa, o mudo pegava a água e a comida para quem não tinha pernas e dava na boca para quem não tinha braços, e quem podia conversar, explicava em detalhes coisas aos cegos, que também precisava de auxílio para comer. Para tudo se procurava uma alternativa com o objetivo de tornarem-se autônomos e também mais solidários.

A atividade é dada como um dos “*cooperation and simulation games*” mais marcantes. Para toda atividade assim, existe etapas a se cumprir. Uma atividade como essa somente é realizada após o grupo se encontrar em um nível de amizade, cooperação e compreensão de onde estão e o que estão vivenciando. Ao final de um dia, antes do banho e do jantar, pedimos para que retirassem as vendas, relaxassem braços e pernas, calasse o silêncio e um começasse a falar como se sentiu.

Esse momento é conhecido como *dibrief* <sup>29</sup>pós-atividade. A partir da primeira fala, outros vão levantando seus dedos na ordem em que queiram falar e, passaram a se expressar com sentimentos, acontecimentos, conflitos, desafios, atitudes suas, dos outros, chegavam a chorar quando lembravam alguma injustiça vivenciada:

- Delegando italiano: Eu passei o dia sem perna. No futebol depois do almoço, eu percebi que eu e mais dois outros colegas não podíamos jogar, um não tinha pernas que nem eu, o outro

---

<sup>29</sup> Como ‘debate’ pós atividade.

era cego. Quase que eu larguei de fazer a atividade por esse momento. Daí os siameses propuseram se dividir com as pernas do delegando da Jordânia uma perna em cada mão. O sem-perna jogou futebol dando cabeçada na bola, já que na regra do futebol não podia usar as mãos. Todos nós nos divertimos muito, eu fiquei tirando onda com o delegando do Brasil, cego, por onde ele podia correr e pegar a bola. Ele até jogou na trave na hora do pênalti... acho que nem os siameses iriam conseguir agarrar essa (risos).

- Delegando francês: Ah...eu fiquei pensando nas pessoas que passam por isso todos os dias, sabe? Acho que foi nada ficar mudo por algumas horas, eu fiz minha própria forma de comunicar e ser entendido. Igual quando bebês aprendem a falar, só que os mudos aprendem de outro jeito.
- Delegando canadense: Eu pensei nos preconceitos. O mundo ainda não se adapta a essas pessoas ao redor do mundo. Ainda há lugares que essas pessoas não vão, nem coisas que elas podem fazer. Jogar futebol somente com a cabeça é muito difícil, apesar de divertido aqui no acampamento. Quase nunca acontece. Há muitas coisas que eles simplesmente estão fora e excluídos. As pessoas precisam buscar algumas alternativas para facilitar um pouco mais a vida dessas pessoas.
- Delegando brasileiro: É...eles tem que reinventar o próprio mundo dentro do nosso.
- Delegando francês: A ação que eu tomaria é nunca mais ser preconceituoso com pessoas assim. Elas são normais, tão normais quanto você e eu. Faz também outras coisas tão melhores do que eu, porém eu posso pegar um copo de água e beber com muita facilidade e eles não... eles reinventam uma outra forma, a vida deles é dura o bastante para ainda serem excluídos.<sup>30</sup>

A essa atividade uma citação, no qual:

Sugeri que a educação das crianças ou a criação de animais, tanto quanto o cultivo de lavouras agrícolas, é um processo em que plantas, animais ou pessoas não são tão produzidos quanto são crescidos, e no qual os seres humanos que os cercam têm uma maior ou menor participação no estabelecimento das condições de criação. (INGOLD, 2000, p. 87)<sup>31</sup>.

E me foi concluído que:

(...) fabricação e o crescimento das coisas, animais, plantas e, sobretudo, das crianças é possível apenas nos contextos relacionais de um envolvimento mútuo entre as pessoas e seus ambientes. Com isso, ressaltar-se-iam duas características

<sup>30</sup> Gravação de áudio. Data: 09 de julho de 2013. Tradução livre.

<sup>31</sup> Citação traduzida por Flávia Pires em *O que as crianças podem fazer pela antropologia?* (2000, p.146) ela cita INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

dos organismos: são autônomos e criativos e, ao mesmo tempo, estão inseridos num meio que lhe é importante para sua própria autonomia. E, agora, podemos introduzir as crianças propriamente ditas, organismos autônomos e dependentes ao mesmo tempo. (PIRES, 2010, p.146)<sup>32</sup>

Figura 38 – Gêmeas siamesas em Handicap Day.



Fonte: Registro próprio.

Depois de muitas *National Nights*, buscamos saber das crianças algo que elas pudessem colocar em uma palavra o que lembrava cada um dos países que estavam lá. Uniram-se em suas delegações e num cartaz médio escreveram o nome de seu país, passaram para a delegação a sua direita e escreveu no cartaz que recebeu algo que lembravam aquele país na visão daquela delegação. Depois de o papel passar por todas as delegações presentes, chegavam em seus respectivos donos com diversas palavras que traduziam fortemente os estereótipos lançados sobre pessoas de uma determinada civilização.

<sup>32</sup> PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez. 2010.

Nem o que parecia ser pontos positivos, na verdade era tão positivo assim. Na verdade a atividade queria demarcar o preconceito e o espaço de construir algo a partir de análises sem fundamentos, que se preconcebiam nas crianças sem reflexão ou conhecimento.

Figura 39 e 40 – Exemplos de cartazes, feito pelas crianças, dos estereótipos descritos sobre cada um dos países citados acima. Há mais alguns no Caderno de Documentos e Fotos.



Fonte: Registro próprio.

Lembro-me de todas as expressões feitas pelas crianças em suas delegações enquanto recebiam seus respectivos cartazes. Era percebida ali uma série de palavras em senso comum dadas por quem conhecia somente esses pontos de cada país. Sei que de alguma forma até se indignavam com que liam. As delegações se reuniram um pouco e, depois, uma a uma teve o seu espaço para falar um pouco mais de sua civilização e de suas tradições, houve a oportunidade de melhorar os quadros rasos de percepção:

- Delegando brasileiro: Também concordo que temos muitas festas, feriados e tudo. Mas também somos um povo baseado em muito trabalho. Sobre “beber muito”, há alguns fatos que de fato o país precisa rever sobre o álcool. O país tem vivido constantes alvos de acidentes graves por embriaguez. Brigas na família que causam separação dos pais e sofrimento dos filhos. Mas, pelo outro lado, há o espaço de resgatar essas pessoas e, também há famílias que vivem quadros diferentes, de amizade e união, igual a dos meus amigos.
- Deleganda jordaniana: Somos livres para sermos aquilo que gostaríamos de ser. Judaísmo é uma religião que faz parte de muitas pessoas em nosso país. Mas eu não sou judia. E nem todos que estão na Jordânia são. Quantas as guerras, vivemos em um clima de constante instabilidade. Mas não somos somente isso. Temos alegria, união, temos amizades e somos família. Nem todos estão sobre o ar do medo e do peso, vivemos por crer, que crianças e pessoas, como nós, podem vencer diversas questões como essa fora de um conflito.<sup>33</sup>

Essa atividade se realiza sobre a crença de que, apesar de cada um ter em mente aquilo que pensa conhecer, se pode saber mais sobre determinada tradição possibilitando não manter um único molde fixo na mente sobre ela. Para Pires (2010) estudar crianças traz a confirmação dessa percepção sobre essa infância que se permite compreender mais e melhor as culturas, além do ponto de vista dos adultos. Os adultos ‘naturalizam’ as relações entre os espaços e os poderes, e as crianças veem essas relações de outro modo, no qual descortinam valores e relações já consolidadas, Tornando-se mais ‘transparentes’, pois elas explicitam o que os adultos também sabem, mas não expressam.

---

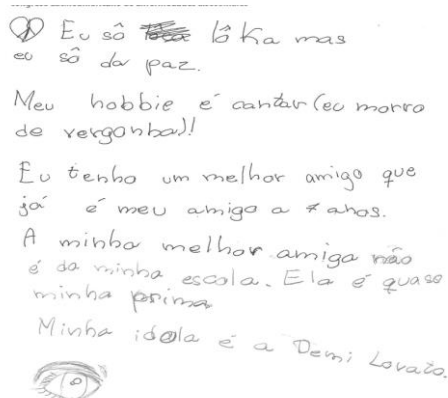
<sup>33</sup> Gravação de áudio em 15 de julho de 2013. Tradução livre.

### 5.3 VILLAGE NACIONAL EM VITÓRIA – JANEIRO DE 2014

Fui entusiasmada a participar desse acampamento na ideia de vivenciar o módulo nacional que ainda não havia conhecido. Em certo dia, estava na busca por fazer um programa em janeiro e procurei minha amiga Nathy para me informar se havia uma vaga de líder disponível em algum *Village*. Ela me retornou o e-mail informando que todas as vagas estavam preenchidas. No *chapter* do Rio de Janeiro estavam a procura de um staff para um Youth Meeting e um líder de *Village* Nacional. Busquei conversar com Talita, que foi staff comigo no último programa em que participei e que mora atualmente no Rio. Queria um contato com a coordenação do *Village* para me voluntariar a vaga. E após a confirmação que “podia ser pega emprestada” pelo Rio de Janeiro, em dezembro, fui conhecer as cinco crianças que esperavam ansiosamente por um líder para participar dessa experiência no início do ano.

O meu primeiro contato foi com Guilherme, Letícia, Mirela, Debora na casa de Luiza, no Rio de Janeiro. Quando penso em pressupor que é da fase, já pressuponho, mas algumas delas não diferenciavam do grupo que levei para Portugal no quesito “momento de falar”. Elas disputavam a atenção entre elas, ou outra coisa. Não sei dizer ao certo, sei que eu gostava. Eu poderia querer a atenção voltada a mim para dizer o que devem e como podem fazer determinada coisa, mas deixar elas mais soltas era a oportunidade delas experimentarem o poder de suas falas, o crescimento mútuo, a expressão verdadeira de seu crescimento sendo moldado por suas perspectivas.

FIGURA 41 – LUISA ESCREVEU UM POUCO DE SI PARA QUE PUDESSE SE APRESENTAR MELHOR AO GRUPO.



Eu sou ~~uma~~ lúka mas  
 eu sou da paz.  
 Meu hobbie é cantar (eu morro  
 de vergonha!)  
 Eu tenho um melhor amigo que  
 já é meu amigo a 4 anos.  
 A minha melhor amiga não  
 é da minha escola. Ela é quase  
 minha prima.  
 Minha idola é a Demi Lovato.

Fonte: Documentos guardados.



Eu tinha nesse grupo, crianças e casos interessantíssimos de suas personalidades fortemente pautadas naquilo que buscavam em suas essências. Eu tinha crianças como Guilherme que contou-nos, com muita liberdade que seu maior problema estava na escola onde todo mundo o chamava de “gay” por não gostar de jogar futebol, gostar de ler e vivenciar uma presença maior das amizades femininas a sua volta. Ele explica que na sua fase de vida e infância, as outras crianças como eles dão a “gay” um sentido de chacota e gozação ainda em pleno século 21. Por isso o incomoda tanto, porque ele demonstra entender o desenvolvimento da diversidade das pessoas em todo lugar do mundo, mas utilizam dessa noção com ele como uma forma que ele não tem procurado se desenvolver como indivíduo.

Guilherme e Letícia são citados nesse espaço por suas diversidades. Letícia é extremamente silenciosa até no momento de escolher entre bolo ou biscoito, ela fica no “tanto faz” só para não ter que responder, levanta e solta os ombros quase que para eu escolher por ela para não ter que falar. Ela se mostrava participativa, até a hora de falar, não estava para debate, não se expressava por meio da fala, pois deixava que as outras crianças que tinham de sobra falassem por ela. Escutava sua voz quase que imperceptível quando precisava de algo ou precisava me responder.

Letícia quando construía suas amizades, conversava não mais que o necessário com elas, ela ganhava a atenção da delegação e de todo o acampamento por causa do seu silêncio. Todo mundo tentava conversar um pouco com ela para escutar sua voz pela primeira vez. A sociedade e a sua vontade de colocar as pessoas em seu devido lugar de ‘normalidade’. O silêncio de uma criança incomodava absurdamente tanto as outras crianças e mais ainda os adultos.

Percebi isso em um dado momento que Letícia estava participando do grupo que saia nos quartos acordando todo mundo quando os *Night Angels*<sup>34</sup> acreditavam que todos já estavam conseguindo dormir. Em uma das explicações que as amigas dela tentavam dar a sua atitude que ela se sentia um pouco receosa para me responder. Alguém a fez pensar que ela devia aproveitar como nunca uma experiência como essa do acampamento, se soltando mais e fazendo amizades. As amizades que ela fez foi com o grupo dos que curtiam a noite nos quartos. Alguém conversou isso com ela alguma das vezes, o porque dela chorar dizendo sempre estar com saudades de sua mãe. Ela começou a perceber que comigo não precisava ficar receosa para expressar sua essência sem que eu dissesse nada. Só dando espaço e

---

<sup>34</sup> Diferentes líderes e JC's que se voluntariam a ficar no início da noite organizando as crianças na hora de ir dormir e, auxiliando que elas respeitem esse momento, principalmente pelos os que gostam de conseguir dormir e descansar a partir de certa hora.

acolhimento para o que viesse dela da forma que viesse, sem colocá-la como deveria agir e se comportar. As suas próprias atitudes poderiam conduzi-la ao que fosse melhor para si.

Na performance *Adjourning*<sup>35</sup> são vivenciadas as atividades mais marcantes de todo acampamento que está chegando ao fim. A exemplo disso descrevo uma em que são percebidas as crianças e suas reações, chamada “*Peace-war-peace*”. Com uma folha branca, as crianças desenham o que é paz para cada uma delas. Um símbolo, uma história, um desenho de um ambiente, de um objeto que pode ser escrito ou desenhado, representando a noção de paz para essas crianças. Damos em torno de 20 minutos para que elas produzam livremente. Aguçamos algo dos sentidos, por exemplo, através das músicas e do tom das nossas vozes na condução da criança no que ela deve fazer.

Após os 20 minutos, o mesmo é feito para conduzi-las a entregarem sua produção ao amigo do lado, que agora vai produzir em cima do que já foi feito, um cenário representativo de guerra. As nossas reações produzem nelas sentimentos violentos. Alguns passam a rabiscar todo o desenho, outros rasgam, outros desenham armas e explosões sobre as casas e animais desenhados e, em menos de 2 minutos outra realidade se encontra em um papel. Pedimos para que elas devolvam o mesmo às crianças que as entregaram. Sob sua criatividade, elas têm que tentar desenhar novamente o que simboliza paz em cima de toda a zona de guerra produzida anteriormente. Alguns espaços já não conseguem ser reconstruídos.

O objetivo da atividade é fazer com que elas percebessem a facilidade de se produzir guerra e como a dificuldade de reconstrução da paz após em espaço que conheceu a devastação dentro do debate entre crianças e adultos ocorrida no pós *game*, é isso que é debatido entre elas, inclusive, quando entregou sua produção nas mãos de um amigo que tem entre eles semelhanças e diferenças. Era para que pudesse transmitir o que era a noção de paz àquela pessoa. Um processo que abre a mente de cada uma delas às diferentes visões de educar pela paz.

- Deleganda do Rio de Janeiro: Como a devastação deixa marca e dificuldades de se criar um ambiente renovado, inteiro e pacífico, sem medo, sem busca de autodefesa, sem vingança. A atividade nos leva a pensar sobre cenários da vida real<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> O *Adjourning* tem o objetivo de fixar a experiência vivida pelas crianças ao longo das 2 ou 4 semanas de acampamento. Suas experiências com as novas amizades, mas também os conhecimentos adquiridos. São desenvolvidas atividades que estabeleçam a confiança em si e no outro como um ponto também necessário para atingir o objetivo da paz. É o momento mais intenso do programa que está chegando ao final, que deixa saudades nessas crianças de tudo que foi vivido, mas de casa também.

<sup>36</sup> Em roda de dibrief, fiz notas do que disse essa deleganda, que inclusive era minha liderada.

As atividades dos últimos dias são mais intensas. As emoções estão mais fortes nas crianças, pois as encontramos uns cinco dias antes do acampamento acabar, com o sentimento de saudades que já estão vivendo uns dos outros, mas ao mesmo tempo todo o retorno à casa que vai proporcionar voltar aos seus amigos e sua rotina diária. Elas passam a viver esses últimos dias intensamente por não saber se quer despedir de toda essa experiência. É assim que encontramos as crianças do Village, alguns dias antes de ir embora.

Há uma atividade que marca, principalmente a confiança que podem ter uns com os outros e quando ela der certo, o grupo como um todo, sente-se mais confiante em fazer parte de um desenvolvimento das etapas do Village com muito êxito. Apelidei-a de “*Relax and Trust me*”<sup>37</sup>. As crianças deitam no chão com o corpo colado um no outro, firmam o corpo com os joelhos flexionados os pés no chão e levantam os braços com resistência. Por esses braços passarão todas as crianças e os adultos que vão buscando confiar em cada mão que vai conduzindo às outras até atravessar por cima de todo o grupo.

A primeira sensação que elas têm e o grupo auxiliado de fora é a percepção de o que está sendo levado acima de seus corpos, pode cair em cima de todo mundo. A condução dos líderes é direcionada aos poucos com muita leveza e confiança, onde vai dar tudo certo: *relax and trust me!*

Figura 42 – Posicionando as crianças como devem ficar para a atividade ocorrer sem machucar ninguém.



Fonte: Registro próprio.

---

<sup>37</sup> “Relaxe e confie em mim” foi o nome dado a essa atividade por ser a frase mais utilizada no momento em que ela está acontecendo para motivar a criança a lidar com o que está vivendo.

Figura 43 – Criança sendo conduzido e carregado pelos seus amigos. *Relax and trust me!*



Para desenvolver contribuições primordiais à Antropologia da Criança é necessário ter a atenção as suas experiências infantis. Retratei nesse espaço algumas delas sob o desenvolvimento das etapas da proposta de uma organização que quer desenvolver nas crianças suas próprias concepções de paz aprendendo a conhecer O sentido principal que o outro também busca dar.

“O corpo está em constante exercício, desafia e é desafiado, multiplicando-se o repertório de brincadeiras. O próprio corpo transforma-se em brincadeira à qual a imaginação não dá descanso, recriando a essência dos mesmos gestos, em inúmeras formas e possibilidades”.<sup>38</sup>(NUNES, 2002).

É nessas frações de horas, minutos e segundos que as crianças se relacionam com um aprendizado em movimento e, o que eu trago em minha memória está envolvido com essa transformação que elas passam através dessa aceleração do corpo. Como desenvolvido em Ingold (2000), o corpo cresce. No convívio intenso do acampamento parece que o crescimento dos corpos se acelera. E isso talvez esteja relacionado com um tipo de pedagogia muito distante da clássica escolar, em que a criança fica parada e sentada adquirindo conhecimento. Aqui é o movimento que possibilita o conhecimento.

<sup>38</sup> NUNES, Angela. 2002. No Tempo e no Espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In Crianças Indígenas: ensaios antropológicos, 64 - 99. . Brasil: Global; Fapesp; Mari.

## CONCLUSÃO

Estar imersa a cada momento dessas experiências que me foram proporcionadas em uma organização de convívio internacional e nacional de jovens me fizeram compreender a infância de outras formas. As crianças não são adultas em potencial ou miniaturas humanas. Elas são crianças: seres capazes de criar um universo social e cultural com uma especificidade própria, em que podem até produzir uma reflexão crítica sobre o mundo dos adultos, mas antes disso, elas têm algo original a dizer a partir do seu ponto de vista, de suas experiências e do modo como é a sua vida e o mundo a sua volta.

Desenvolvem sua representação e seus modos próprios de agir, se constituindo como objetos de pesquisa social. As próprias pesquisas de campo estão impregnadas do que o adulto sabe sobre a criança e não o que a própria criança tem a dizer de si mesma. Apesar dos sinais reveladores fornecidos por alguns pesquisadores, não se criou dentro desta, um espaço efetivo de discussão e reflexão sobre criança.

Todo este trabalho, desde a ida aos acampamentos, como também no processo de sua escrita me foi desafiado refletir nesse espaço o conhecimento do que era a organização CISV além do que minhas experiências podiam falar: é um organismo ligado a algumas nações, o propósito de Educar para a Paz a partir da criança como aquilo que impulsionou sua criação. Para tudo isso se fez necessário conhecer como é esse trabalho em um programa que pode desenvolver isso com crianças entre seus 10 e 12 anos. Programa que acaba acontecendo com crianças que exemplificam esse processo em que

“A criança vive e se expressa dentro de limites e até amplitudes que lhe são próprios, que tem zona de intersecção com os limites e amplitudes do adulto com o qual convive.” (Cohn 2002)<sup>39</sup>

Em todos os âmbitos da Antropologia da Criança, inclusive em meu trabalho, o maior desafio do momento é afirmar o início, o começo do que se quer pesquisar e entender. Por isso é necessário garantir as condições práticas e teóricas de continuidade, no qual abre cada vez mais espaço a novas possibilidades de se ver a infância acontecer.

---

<sup>39</sup> COHN, C. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo, Global, 2002. p.213-235.

As atividades vividas com essas crianças obedecem cada fase do acampamento: a de se conhecerem, a de se interagirem e formarem suas amizades, a de cooperarem entre si para chegar em um determinado objetivo, a de vivenciarem o conhecimento das diferentes educações, pontos de vista e tradições que os representantes de cada região tem, a de vivenciarem entre amizades a confiança no melhor que cada uma proporciona uma à outra e o espaço de desenvolver nelas reflexões e ações críticas do que podem fazer por um mundo mais justo e humano. Começando pelos espaços do acampamento que estão participando, que é a “casa” que estão abrigadas naquelas férias. Depois disso em seus lares, nas suas vidas diárias e no seu papel atual de criança desenvolvedora também de ações justas e humanas onde estiverem.

Era interessantíssimo ver as crianças no início do dia brincando e parecendo se divertir com tudo isso e, ao final do mesmo, cansadas, desgastadas e até chateadas com algumas situações. Observar cada uma delas que representaram deficiências físicas, pessoas ricas, pessoas pobres, suas expressões, seus debates em uma grande roda onde cada um colocava seus sentimentos, pensamentos e experiências expressas.

A corporalidade dessas crianças também desenvolvem a experiência de educação para paz que falo. Elas aprendem algo através do movimento, das brincadeiras de correr e de interagir entre amigos, trazendo aquele olhar que a criança é “muito mais do que um receptáculo de ensinamento”, como colocado por Aracy Lopes da Silva.

O Village é essa porta de entrada para uma criança participar e iniciar seu trabalho voluntário na organização CISV em prol do que ela propõe para uma educação para a paz. O contato com essas crianças e com a Antropologia da Infância em suas diversas particularidades é um caminho entre mil para o entendimento dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias a educação de crianças.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENDRATH, E. A; GOMES, A. A. Educação e Economia: A (Re) construção histórica a partir do pós-guerra. Histedbr. Campinas, N.44, 2011, p.92-106  
Publicado na revista Histedbr - UNICAMP.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Antropologia da Criança: uma revisão da literatura de um campo em construção. Revista Teias, v.10, n.20, julho de 2009

COHN, C. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo, Global, 2002. p.213-235.

\_\_\_\_\_. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

INGOLD, T. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

Local Leadership Trainer's Handbook – 2011

MARTINS, J. de S. O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

NUNES, Angela. 2002. No Tempo e no Espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In Crianças Indígenas: ensaios antropológicos, 64 - 99. . Brasil: Global; Fapesp; Mari.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. Rev. Dep. Psicol.,UFF [online]. 2005, vol.17, n.2.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez. 2010.

SILVA, Aracy Lopes da. Crianças Indígenas: Ensaaios Antropológicos. Ed. Global, 2002.

Train The Trainer Curriculum – 2011.

Village Trainning Curriculum – January 2013

## CADERNO DE ARQUIVOS E FOTOS

Anexo 1 – Carta de Proposta a Unesco desenvolvida por Doris Allen, 1947, traduzida.



### **EDUCAÇÃO PARA O ENTENDIMENTO INTERNACIONAL** **Proposta endereçada à Conferência Geral da Unesco de 1947**

Em 11 agosto de 1946, no New York Times, o Dr. Alexander Meiklejohn propôs à UNESCO que estabelecesse um Instituto Internacional para adultos. Tal plano, sem dúvida, poderia contribuir para a compreensão internacional.

Enquanto lia o convincente artigo do Dr. Meiklejohn, compreendia, no entanto, que certos recursos necessários para a promoção do entendimento internacional haviam sido omitidos - aqueles representados pela geração das crianças. Hitler nos ensinou de forma eficiente que crianças e jovens possuem material humano maleável, pronto para ser moldado no formato desejado. Enquanto educamos adultos, não deveríamos ao mesmo tempo educar aquelas idades nas quais emoções, atitudes e objetivos lançam raízes?

Deveria ser possível imaginar um plano para que crianças e jovens de todo o mundo aprendessem a viver em situações que ultrapassem as barreiras da nacionalidade com o entendimento. O programa proporcionaria experiências diretas e autênticas. O mero aprendizado de mais e mais fatos sobre diversos países não seria suficiente.

O que segue é uma proposta para um plano desta natureza. Não importa que seja aceito em cada detalhe. Sugestões concretas foram feitas para torná-lo claro e podem ser encaradas como tentativa.

A necessidade de educar para o entendimento internacional é tão formidável que não podemos nos deixar desencorajar pela magnitude, complexidade ou novidade da tarefa. Dificuldades devem ser vistas como questões a serem resolvidas. A urgência desta necessidade deve nos animar a seguir em frente.

Agradeço aos colegas de ciências sociais que se dispuseram a discutir os diversos aspectos deste programa, contribuindo assim para a sua elaboração.

Doris Twitchell-Allen, Ph.D.  
Psicóloga do Hospital Infantil, Casa de Recuperação Infantil  
e Hospital Estadual Longview, Cincinnati, Ohio

Fonte: <http://biblioteca.cisv.org.br/forms/Guide%20YM%20Nacional%20e%20Internacional.pdf>

## Anexo 2. Documento de Comportamento e Sensibilidade do Cultural

### COMPORTAMENTO E SENSIBILIDADE CULTURAL NO CISV

(Tradução e adaptação do InfoFile R-7 )

A presente Política visa possibilitar atingirmos os objetivos do CISV, conforme previsto em sua Constituição, e os objetivos educacionais de seus programas. Devido a grande diversidade de culturas em nossa organização, torna-se necessário o respeito a um conjunto de normas. As regras abaixo relacionadas são as definidas pelo CISV Internacional, endossadas pelo CISV Brasil e que, portanto, devem ser cumpridas localmente em todas as atividades do CISV.

Para a maior parte das pessoas “comportamento adequado” é entendido dentro do senso comum, boas maneiras, ou ser um bom anfitrião / hospede / amigo. Mas, devido a grande diversidade cultural dentro do CISV, a diretoria do CISV Internacional acha adequado registrar algumas qualidades no comportamento de participantes – especialmente em adultos e juniores em posição de “modelo” para jovens participantes de programas educacionais, nacionais e internacionais, que buscam educar para a paz e amizade trans-cultural. Da mesma maneira, espera-se que participantes que são hospedes de um Chapter, família ou acampamento anfitrião concordem com estes conceitos de comportamento. Nenhuma lista de normas pode antecipar todas as situações, não há nada que substitua uma seleção (ou exclusão antes da participação, se necessário), treinamento ou orientações adequados. Estas regras devem ser explicadas aos participantes, enfatizando porque elas existem.

O comportamento esperado de adultos e jovens nos programas, atividades e administração podem ser divididos em três categorias:

**COMPORTAMENTO PROIBIDO** - refere-se a classe ou tipo de comportamento ou ação cuja ocorrência, ou suspeita razoável de ocorrência, redundará em sanções severas (incluindo notificação, exclusão, volta antecipada para casa ou perda da filiação ao CISV). São comportamentos **ilegais** na maior parte dos países.

Comportamentos **PROIBIDOS** incluem:

- **intimidade/relação sexual** entre criança ou jovem e **qualquer** adulto ou jovem em posição de confiança ou “modelo” no CISV (seja legal ou não localmente);
- **uso de narcóticos / drogas alucinógenas ou químicas** (seja legal ou não localmente);
- **atos criminosos/ ilegais** ou falha em tomar uma atitude quando legalmente necessária;
- **uso de ou porte de armas de fogo / munição ou outras armas** (dentro das casas de família ou dos locais do CISV);
- **comportamento xenofóbico, discriminatório**, intoleráveis com falta de flexibilidade / abertura cultural.
- **violação de regulamentos do CISV.**

**COMPORTAMENTO INACEITÁVEL** - refere-se a classe ou tipo de comportamento ou ação cuja ocorrência, ou suspeita razoável de ocorrência, redundará em sanções severas (incluindo notificação, exclusão temporária e perda da filiação ao CISV).

Comportamentos considerados **INACEITÁVEIS** incluem:

- **Consumo de álcool** - não é permitido qualquer contato com bebidas alcoólicas para os menores de 18 anos, tal como regulado pela lei no Brasil. Isto vale inclusive para os estrangeiros em programas do CISV no nosso país. Regras do chapter mais restritivas sobre este assunto prevalecem sobre esta.
- **nudez** em programas/atividades do CISV ou dentro de comunidades Cisvianas (jogos, piscina, etc.) ou dentro de comunidades hospedeira do Cisvianas (Acampamentos ou casas de família) por violar o conceito de privacidade e modéstia, mesmo que aceito pelas normas culturais do hospedeiro ou convidado;
- **intimidade sexual** – ou aparência de intimidade sexual em programas / atividades ou entre adultos com mutuo consentimento, quando fora de suas obrigações ou entre jovens participantes durante participação em programas / atividades do CISV.
- **violação de padrões de saúde pública** que coloquem em risco a saúde ou segurança dos participantes ou outros;
- **abuso físico sem cunho sexual**
- **abuso psicológico e punição corporal.**

**COMPORTAMENTOS NÃO APROPRIADOS** - refere-se a classe ou tipo de comportamento ou ação cuja ocorrência, ou suspeita razoável de ocorrência, redundará em sanções / repreensões menos sérias (incluindo notificação, restrição de participação ou proibição de ser Staff ou administrador de CISV).

Comportamento **NÃO APROPRIADO** inclui:

- **falha em respeitar / prover necessidades** básicas de dieta razoável, saúde, segurança e conforto para os participantes (pe. vegetarianos, asmáticos, não fumantes, banhos privativos, sono adequado, comunicações em situação de emergência).
- **falha em respeitar a privacidade** dos participantes, **exceto** em caso de suspeita de atividade ilegal, violação de padrões, orientações do CISV ou confiança médica, ou quando o comportamento do participante coloca em risco a sua saúde ou segurança, ou a saúde e a segurança de outros. Em caso de revista da bagagem pessoal do participante, esta deverá ser feita obrigatoriamente em sua presença. (NOTA : padrões de confidencialidade com relação a informações sobre tratamento ou informação médica do paciente variam amplamente.)
- **falha em respeitar a privacidade e as “regras da casa”** da família anfitriã, do staff ou dos locais de programas / atividades do CISV ( incluindo insensibilidade em observar costumes / cortesia “locais”)
- **falha em respeitar diferentes padrões culturais ou pessoais** de atividades educacionais apropriadas, disciplina ou sanção;
- **falha no uso de métodos adequados** para resolver problemas pessoais ou conflitos de grupo em atividades / vivências inter-culturais.

Respeito pelo comportamento apropriado é considerado tão universalmente importante no CISV que o conteúdo deste documento deve ser observado e incorporado nos programas, atividades e administração do CISV integralmente em qualquer nível da organização.

**POLÍTICA DE CONSEQÜÊNCIAS** - as regras aqui definidas devem ser cumpridas por todos os participantes de Atividades/Programas do CISV, quer em programas nacionais ou internacionais, sejam eles membros do CISV Brasil ou estrangeiros participando de programas no Brasil (neste caso os Chapters parceiros devem ser avisados previamente das regras). A aplicação das políticas de conseqüências aqui descritas não pode e não deve ser unilateral. Deve-se respeitar o direito de defesa das partes envolvidas e deve-se seguir o procedimento abaixo para dar conhecimento aos participantes das regras de nossa organização que esperamos sejam respeitadas:

- Todos os participantes jovens, líderes e pais devem ler, entender e assinar o **Compromisso** aprovado no Encontro Nacional. Este Compromisso deve ser trabalhado com os participantes e não apenas assinado.
- As regras aqui estabelecidas **deverão ser reforçadas no início de cada Atividade/Programa** do CISV, para que os participantes possam ter pleno conhecimento delas e como ação preventiva por meio da negociação de **CONTRATO DE CONDUTA** com os participantes. Agir com informação e transparência, utilizando-se os métodos educacionais do CISV.
- Nossos líderes devem ser agentes de negociação nos acampamentos e programas Interchange no Chapter parceiro propondo o **Contrato de Conduta**.

Figura 44 – Sleep over em junho de 2012 – Delegação Brasileira



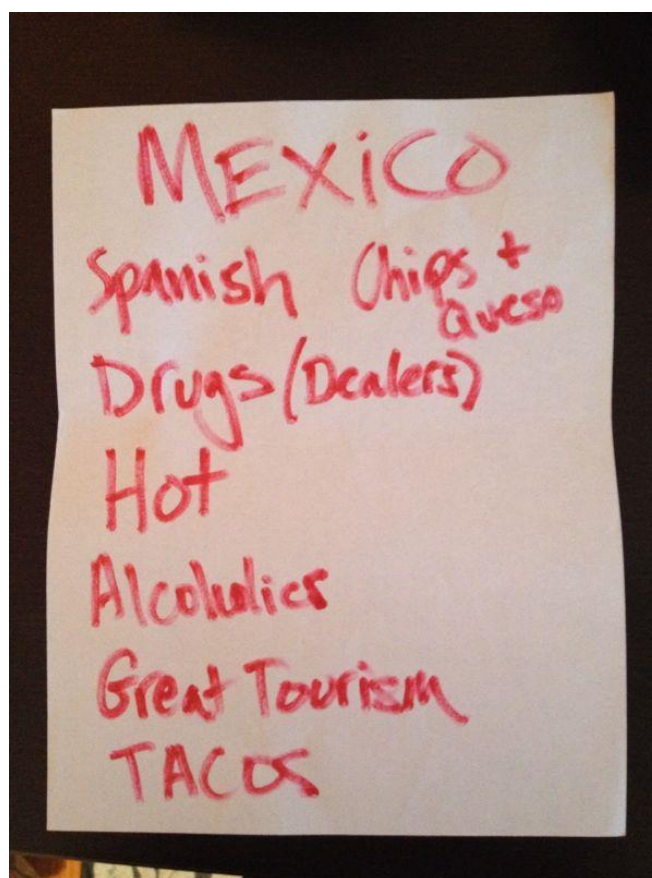
Fonte: Registro próprio

Figura 45 – Treinamento Nacional, junho de 2012.

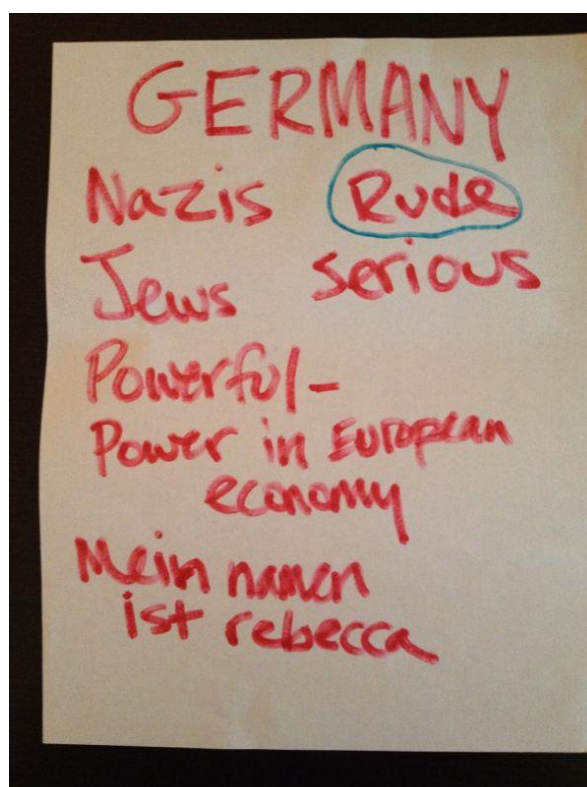


Fonte: Registro Próprio



Figura 45 e 46 – Mais registros da atividade *Stereo types*

Fonte: Registro Próprio



Fonte: Registro Próprio



Figura 47 – Atividades de correr – Village Nacional em Vitória, 2014



Fonte: Flora Gurgel

Figura 48 – Dress the leader



Fonte: Flora Gurgel